

UNIVERSITÉ DU QUÉBEC

MÉMOIRE

PRÉSENTÉ À

L'UNIVERSITÉ DU QUÉBEC À CHICOUTIMI

PROTOCOLE D'ENTENTE UQAC-UNEB

COMME EXIGENCE PARTIELLE

DE LA MAÎTRISE EN ÉDUCATION (M.A.)

PAR

Da Paz, Maria-Gloria

École de la « Missão Do Sahy » :

Le regard d'une école sur un ancien village

FÉVRIER 2004



Mise en garde/Advice

Afin de rendre accessible au plus grand nombre le résultat des travaux de recherche menés par ses étudiants gradués et dans l'esprit des règles qui régissent le dépôt et la diffusion des mémoires et thèses produits dans cette Institution, **l'Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)** est fière de rendre accessible une version complète et gratuite de cette œuvre.

Motivated by a desire to make the results of its graduate students' research accessible to all, and in accordance with the rules governing the acceptance and diffusion of dissertations and theses in this Institution, the **Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)** is proud to make a complete version of this work available at no cost to the reader.

L'auteur conserve néanmoins la propriété du droit d'auteur qui protège ce mémoire ou cette thèse. Ni le mémoire ou la thèse ni des extraits substantiels de ceux-ci ne peuvent être imprimés ou autrement reproduits sans son autorisation.

The author retains ownership of the copyright of this dissertation or thesis. Neither the dissertation or thesis, nor substantial extracts from it, may be printed or otherwise reproduced without the author's permission.

UNIVERSITÉ DU QUÉBEC A CHICOUTIMI

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À UNIVERSITÉ DU QUEBEC A CHICOUTIMI
COMO EXIGÊNCIA PARCIAL DO MESTRADO DE EDUCAÇÃO EM PESQUISA
OFERECIDO PELA UNIVERSIDADE DO QUÉBEC EM CHICOUTIMI EM
VIRTUDE DE CONVÊNIO COM A UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

POR MARIA GLÓRIA DA PAZ

COLÉGIO ESTADUAL DE MISSÃO DO SAHY:
OS OLHARES DE UMA ESCOLA SOBRE UM ANTIGO ALDEAMENTO

NOVEMBRO/2003

UNIVERSITÉ DU QUÉBEC A CHICOUTIMI

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À UNIVERSITÉ DU QUEBEC A CHICOUTIMI
COMO EXIGÊNCIA PARCIAL DO MESTRADO DE EDUCAÇÃO EM PESQUISA
OFERECIDO PELA UNIVERSIDADE DO QUÉBEC EM CHICOUTIMI EM
VIRTUDE DE CONVÊNIO COM A UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

POR

MARIA GLÓRIA DA PAZ

ORIENTADORA: PROF.^a JACI MARIA FERRAZ DE MENEZES

COLÉGIO ESTADUAL DE MISSÃO DO SAHY:

OS OLHARES DE UMA ESCOLA SOBRE UM ANTIGO ALDEAMENTO

NOVEMBRO/ 2003

RÉSUMÉ

Nous avons choisi l'Escola Estadual de Missão do Sahy (petit village situé à Senhor do Bonfim, Bahia, Brésil) pour interroger sa communauté scolaire sur l'histoire et la culture du village où l'école s'insère. Notre intérêt à la culture locale – dont les aspects historiques ont largement influencés par les anciennes cultures indigènes du Brésil – nous a conduit à la recherche des modes de production d'une identité culturelle fondé sur la récupération du passé collectif. En utilisant des techniques interactionnistes symboliques – qui nous permettent une meilleure approche des actions humaines quotidiennes – nous avons interrogé surtout des élèves, professeurs et fonctionnaires de l'École concernant les origines locales, des modes d'y connaître et l'action scolaire dans ce contexte.

RESUMO

Escolhemos a Escola Estadual de Missão do Sahy (povoado situado em Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil) com o fim de interrogar aquela comunidade escolar sobre a história e cultura do povoado em que ela está inserida. Nosso interesse pela cultura local – cujos aspectos históricos receberam larga influência indígena – nos conduziu à pesquisa das formas de promoção, por parte da escola, de uma identidade cultural fundada na recuperação do passado coletivo. Por meio das técnicas do Interacionismo Simbólico – que nos permitem melhor abordar as ações quotidianas daqueles que se inserem na vida do povoado –, interrogamos, sobretudo, alunos, professores e funcionários da escola a respeito das origens do lugar, os modos de as conhecer e a ação da escola nesse contexto.

AGRADECIMENTOS

À Profª Jaci Maria Ferraz de Menezes, por ter aceitado embarcar comigo nessa aventura e contribuído para que eu construísse um olhar mais cuidadoso sobre a cultura indígena nessa região da Bahia;

Ao meu companheiro Waldísio, pela paciência e pela competência demonstrada nas interlocuções feitas durante a elaboração deste trabalho;

Ao Prof. José Bites de Carvalho, que, mesmo ocupado com sua pesquisa, sempre encontrou espaço para solucionar minhas dúvidas e – como parte do exercício – também criá-las;

Aos descendentes indígenas de Missão do Sahy, a quem desejo ver reconhecidos e valorizados cultural e humanamente;

A Maria Elisa, pela paciência em me ouvir e com um sorriso em meio a suas interferências, contar piadas para descontração nos momentos de tensão;

Aos meus colegas Vital, e Zana, pela atenção e carinho com que sempre me atenderam quando precisei de ajuda;

Aos meus familiares Edigar, Antonia, Priscila, Loro e Yuna, que suportaram durante esse tempo as minhas neuroses;

Aos meus alunos, por me ajudarem a iniciar e a concluir esta minha etapa de crescimento;

Aos meus colegas de trabalho, e em especial a Profª Beatriz Barros e a Profª Olga Campos que com palavras de carinho me incentivaram a seguir sempre adiante;

Ao amigo Laércio Lima, pelas contribuições dadas ao meu trabalho.

Aos Professores Norma Leite Martins de Carvalho, Paulo Batista Machado e Marta Anadón, por acreditarem na proposta de um “Mestrado Moreno”.

E aos meus Ibejis, caboclinhos e mãe das águas, pelas energias a mim dispensadas.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	iv
ÍNDICE	vi
INTRODUÇÃO	9
O PROBLEMA: AS QUESTÕES DE ESTUDO.....	12
1. AS QUESTÕES DE ESTUDO.....	13
2. OBJETIVOS	19
2.1. Objetivo geral:.....	19
2.2. Objetivos específicos:.....	20
O CONTEXTO DAS ORIGENS: MISSÕES E ALDEAMENTOS.....	21
1. MISSÕES E ALDEAMENTOS	22
2. O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO.....	23
2.1.OS ALDEAMENTOS	23
1.2. AS JACOBINAS.....	25
2 – DESVENDANDO A MEMÓRIA.....	31
A ABORDAGEM METODOLÓGICA E OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA	36
1. INTERACIONISMO E RESGATE DA MEMÓRIA.....	37
2. O COLÉGIO ESTADUAL DE MISSÃO DO SAHY	40
3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	41
3.1. A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	41
3.2. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	42
3.3. HISTÓRIA DE VIDA	43
3.4. DOCUMENTOS ANTIGOS.....	43
4. VANTAGENS E INCONVENIENTES DOS INSTRUMENTOS.....	44
5. OS SUJEITOS DA PESQUISA E CRITÉRIOS DE ESCOLHA.....	45
5.1.OS ALUNOS E EX-ALUNOS.....	45
5.2 OS PROFESSORES.....	46
5.3 OS FUNCIONÁRIOS	46
5.4 MEMBROS DA COMUNIDADE	47
6. ORGANIZAÇÃO DOS DADOS EM SESSÕES E CATEGORIAS.....	48
6.1. AS ENTREVISTAS.....	48
6.2. HISTÓRIAS DE VIDA	48
6.4. DOCUMENTOS.....	49
O CONHECIMENTO SOBRE A HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY: O QUE DIZEM AS ENTREVISTAS	50

1. O CONHECIMENTO SOBRE A HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY:	51
1.1. A MISSÃO ORIGINOU-SE DOS ÍNDIOS	51
1.2. A MISSÃO NASCEU COM OS JESUÍTAS OU COM OS FRANCISCANOS?	52
1.3. A MISSÃO É MÃE DE BONFIM; NELA TUDO COMEÇOU!	54
2. COM QUEM APRENDEU A HISTÓRIA DO POVOADO DE MISSÃO DO SAHY..	56
2.1. APRENDI COM OS MEUS PAIS E MEUS AVÓS.....	56
2.2. APRENDI COM OS MAIS VELHIOS: <i>O FINADO CABOCO SABIA DE TUDO!</i>	
57	
2.3. A ESCOLA CONTA UM POUCO DA HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY ...	60
3. A INTERAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE DE MISSÃO DO SAHY	62
4. AS HISTÓRIAS DE VIDA: A MISSÃO NA LEMBRANÇA DOS MAIS VELHOS...	64
4.1. LENDAS E HISTÓRIAS COMPÕEM O UNIVERSO IMAGINÁRIO DAS	
LEMBRANÇAS DOS VELHOS DO POVOADO DE MISSÃO DO SAHY	64
4.2. As novenas, as sentinelas e o “reisado”: ritos do catolicismo popular.....	66
5. DOCUMENTOS: A LITERATURA REGIONAL	70
5.1. O tudo o que se sabe todo mundo sabe	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
ANEXOS	87
TRANSCRIÇÃO DE FITAS CASSETE CONTENDO AS ENTREVISTAS	
REALIZADAS COM ALUNOS, EX-ALUNOS, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS	
DO COLÉGIO ESTADUAL DE MISSÃO DO SAHY	88
1. ENTREVISTA COM ALUNOS.....	89
2. ENTREVISTA COM EX-ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL DE MISSÃO DO	
SAHY	92
3. ENTREVISTA COLETIVA REALIZADA COM OS PROFESSORES DO COLÉGIO	
ESTADUAL DE MISSÃO DO SAHY	94
4. ENTREVISTA COM OS FUNCIONÁRIOS DO COLÉGIO ESTADUAL DE MISSÃO	
DO SAHY	101
5. ENTREVISTA COLETIVA COM ALGUNS MEMBROS DA COMUNIDADE DE	
MISSÃO DO SAHY	104
6. ENTREVISTA INDIVIDUAL COM ALGUNS MEMBROS DA COMUNIDADE DE	
MISSÃO DO SAHY	108
OBSERVAÇÕES REALIZADAS DURANTE A JORNADA CULTURAL E OS	
FESTEJOS RELIGIOSOS	112
1. Observações realizadas durante a 1ª jornada cultural de Missão do Sahy	113
2. Observações realizadas durante os festejos religiosos	113
3. Observações realizadas durante as caminhadas para localização de sítios arqueológicos	
.....	114
4. Observações durante um enterro	115

HISTÓRIAS DE VIDA	117
1.História de vida I	118
2.História de vida II	123
TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DE DOCUMENTOS ANTIGOS	129
1. Carta para o Capitão-Mor Antonio de Almeida Velho, sobre os armazens, benefícios das terras, sua condução, trabalhos do salitre, e mais que a ele pertence.(Freitas,2001)	130
2.Carta aos padres da aldeia dos Payayas e aldeia do Sahy sobre darem índios para o trabalho no salitre.(Freitas,2001:))	131
3.Certidão passada pelo Superior da Missão de Nossa Senhora das Neves do Sahy (Freitas,2001).....	131
4.Ata de criação da Vila de Jacobina no arraial da Missão de Nossa Senhora das Neves do Sahy (Freitas,2001)	132

INTRODUÇÃO

Em cerca de trezentos anos, o povoado de Missão do Sahy gradualmente distanciou-se econômica, cultural e socialmente da sede do município de Senhor do Bonfim (Estado da Bahia, Brasil). Nesse ínterim, houve um alheamento crescente em relação às grandes correntes que submergiram o País durante os períodos colonial (até 1822), imperial (1832-1889) e republicano (de 1889 até os dias atuais), apesar das recentes tendências assimiladoras da “globalização”. Como resultado, o povoado, primeiro núcleo importante de povoamento do atual Município, relegou sua própria história ao esquecimento ou ao campo mitológico.

Missão do Sahy hoje conta com uma população de aproximadamente 2.000 pessoas, com cerca de 1.200 eleitores, possui duas escolas (uma da rede pública municipal, outra da estadual) e uma creche, de propriedade privada.

Entre as décadas de 50 e 60, o povoado destacou-se pela produção de hortifrutigranjeiros chegando a abastecer o mercado da sede do município e de municípios circunvizinhos. Atualmente seus habitantes sobrevivem de pequenas culturas de subsistência e de prestações de pequenos serviços, já que grande parte de suas terras foi transformada secularmente em latifúndios.

Algumas alternativas visando melhorias na vida da comunidade estão surgindo, a exemplo do cultivo de flores por uma associação comunitária e o artesanato em cipó, confeccionado por um pequeno grupo (dizem que se trata de uma família que não se

miscigena) de descendentes indígenas que vivem afastados do centro do povoado, num local denominado *Aldeinha*.

Este trabalho visa investigar como a escola relembra, esquece ou mitifica o passado desse povoado – o que faremos mediante dados colhidos junto a alunos, ex-alunos, professores e funcionários do Colégio Estadual de Missão do Sahy, localizado no povoado homônimo. Estruturalmente, os cinco capítulos que constituem nosso estudo abordam, respectivamente: a) a problemática envolvida na investigação; b) a análise *histórica* dos aldeamentos indígenas no período colonial, e *teórica* das relações entre memória, escola e comunidade; c) os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa; d) a análise dos dados coletados, e e) algumas considerações acerca dos resultados obtidos.

CAPÍTULO 1

O PROBLEMA: AS QUESTÕES DE ESTUDO

1. AS QUESTÕES DE ESTUDO

Cultura, segundo Sodré (1999) é um conjunto seletivo de elementos simbólicos que explicam as relações existentes entre os seres humanos e seus contextos de vida. Esse conjunto, resultado histórico das conquistas sociais de uma comunidade – que normalmente o considera como seu patrimônio –, é cultivado, socializado, perpetuado e enriquecido por um processo educativo permanente desenvolvido dentro dela.

Contudo, a história humana é tecida de narrativas de colonização, de conquistas de territórios e de povos através da força ou da estratégia política. No caso do Brasil, a colonização branca provocou as comunidades indígenas em conflitos que, em alguns casos, se estendem até os dias atuais: guerras diretas com os invasores portugueses, alianças e rupturas com outras tribos e mesmo com brancos não portugueses (franceses, holandeses, espanhóis), extermínio puro e simples, transmissão de doenças (muitas delas fatais) e expulsão das tribos de seus territórios. Mais grave ainda é o fato de sempre tudo isso vir associado a conflitos culturais, com uma geral imposição de valores dos brancos, apesar da presença de traços importantes da cultura indígena no cotidiano dos vencedores. Em decorrência disso, “hoje o Brasil indígena são fragmentos de um tecido social cuja trama, muito mais complexa e abrangente, cobria [outro] o território como um todo” (Alencastro, 2000:12).

Na região norte e noroeste do atual Estado da Bahia, Brasil, a ocupação e os conflitos que se lhe seguiram ocorreram, sobretudo, entre a segunda metade do século XVII

e a primeira metade do século XVIII (no contexto mais amplo da conquista do Nordeste do Brasil, que durou menos de dois séculos), expressando a ânsia da conquista, que teve como motor inicial a busca e mineração do ouro e, principalmente, a criação e condução do gado. (Dantas, 1992:145)

Esse processo sempre esteve acompanhado, na região, da expansão espiritual doutrinária dos brancos, sobretudo através da ação missionária cristã, que, em 1697, criou a Missão de Nossa Senhora das Neves do Sahy, situada a oeste da sede do atual município de Senhor do Bonfim, Estado da Bahia. Em 1722, a missão já se desenvolvera a ponto de ser elevada à categoria de Vila, mas logo perdeu esse título, dois anos depois, em favor de Jacobina Nova, onde se localizavam jazidas de ouro. A partir dessa época, Missão do Sahy desaparece dos registros históricos, num quase silêncio cujas causas mais profundas permanecem ignoradas.

Nesses quase três séculos, Missão do Sahy foi paulatinamente submetida a um processo de “esquecimento” de sua história econômica, social, política e cultural, que tem sido aos poucos soterrada, e a falta de registros dos elementos ancestrais do cotidiano dos habitantes do povoado (idéias, hábitos, festividades, crenças etc.), associada à má conservação de sua arquitetura histórica (igrejas, ruínas do convento, cemitério e seus antigos túmulos), tem dificultado o seu conhecimento e valorização. Resultado disso é uma historiografia regional escassa, com parco manuseio de documentos e restringindo-se a uns

poucos títulos: Silva (1906 e 1915), Rocha (2002), Adolfo Silva (1971) Freitas (1997), José Freitas (2000), Machado (1993).

Um fato considerado agravante é o falecimento natural da população de idosos, sem que se registrem depoimentos sobre o cotidiano vivido por eles e sobre aquilo que aprenderam através de seus antepassados. Afinal,

As lembranças, somente se tornam possíveis através das narrativas dos idosos, através das construções que fizeram de si mesmos enquanto crianças, através do seu mundo e da sua consciência interpretativa no interior do seu quadro de referência (Coulon, 1995:139).

As lacunas historiográficas, aí incluídas as da história oral, acentuam o esquecimento do passado indígena e mesmo do passado recente local. De fato, hoje os descendentes dos índios e dos que com eles se miscigenaram, quando interrogados sobre seus antepassados costumam dar respostas evasivas mas que expressam, ainda que debilmente, a existência de relações remotas com os índios. De resto, a relação entre o passado histórico e o reconhecimento e auto reconhecimento da comunidade do povoado apenas ocorre em momentos determinados, como o da comemoração anual do aniversário de emancipação política do Município, quando se divulga maciçamente ser Missão do Sahy a “mãe de Bonfim”.

Em suma, o conhecimento acerca da história do povoado (de modo semelhante ao restante da região a que pertence) ainda não foi anexado fortemente à visão de mundo,

relatos e ações sociais dos que nela vivem, sobretudo devido à pobreza dos vestígios historiográficos, à inexistência de uma arqueologia e ao rápido desaparecimento das testemunhas do passado mais recente. Tudo isso compromete a formação e valorização de uma identidade cultural capaz de diferenciar e impulsionar a vida da coletividade em relação ao mundo externo a ela.

Quanto à educação formal local, derivou do modelo missionário jesuítico, destinado à catequização dos índios, mantido sob a forma de escolas de ler, escrever e contar (período dos franciscanos e seus sucessores), para o modelo laico escolar atual, controlado pelas autoridades municipais, estaduais ou federais – portanto alheias ao fundo cultural do povoado, ao contrário da antiga educação indígena, perfeitamente integrada à comunidade e ao meio biológico. Destarte, tendeu a permanecer imersa no contexto local de ignorância do passado da comunidade, embora, como sabemos, tenha a escola, hoje, a função de “garantir a todos o acesso ao conjunto de conhecimentos [e processos] acumulados pela sociedade” (Dayrell, 1997:139). Este papel, entretanto, é exercido pelas escolas (e mesmo pelo sistema educacional como um todo), como uma redistribuição do saber da sociedade nacional expresso no currículo – e mesmo as determinações para as adaptações destes às questões locais e a elaboração de projetos pedagógicos das próprias escolas têm sido realizados a partir, no máximo, de leituras superficiais das culturas locais em que a memória e a identidade não são consideradas ou o são de forma residual ou folclórica.

Devido à inserção da maioria dos membros participantes das escolas na comunidade a que estas pertencem, e compreendendo, portanto, deverem elas estudar os elementos de formação da comunidade, optamos, em primeiro lugar, por conhecer o pensamento de uma comunidade escolar específica, o Colégio Estadual de Missão do Sahy, interrogando seus alunos, ex-alunos, professores e funcionários sobre o que pensam da história e da cultura do povoado; em segundo lugar, buscamos resgatar alguns elementos históricos que possam ser metodologicamente trabalhados em salas de aula de modo a contribuir para a construção ou reconstrução da identidade desta comunidade e preservação do seu patrimônio histórico-cultural.

Sugestões contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ou PCNs (1997), elaborados pelo Ministério de Educação do Brasil, apontam para a necessidade da elaboração de currículos que contemplem as especificidades do contexto onde as escolas estão inseridas, desenvolvendo conteúdos e atividades que despertem nos alunos habilidades e capacidades necessárias ao entendimento e interpretação de suas experiências de vida, bem como ao enfrentamento das questões que visam o respeito e a valorização do seu meio social e do seu grupo. De acordo com isso, a escola precisa ser um espaço formativo e informativo onde os conteúdos possam necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes em um universo cultural maior, podendo ajudá-lo a usufruir das manifestações locais, nacionais e universais. (PCNs: 33)

Isso deveria ser realizado, no currículo, tanto como conteúdo de estudo em Linguagem e Comunicação como em História e Geografia, dando assim um tratamento transversal à temática da pluralidade cultural. Rever as práticas escolares para contemplar as vivências das etnias que formam a sociedade brasileira é, pois, segundo os PCNs, uma das propostas da pluralidade cultural. O povo brasileiro tem na sua origem a presença de várias culturas, e promover o entendimento dessas várias formas de organização das comunidades étnicas e dos diversos grupos sociais é também um papel que deve ser assumido pela escola enquanto instituição que contribui para a formação do conhecimento dos indivíduos.

No âmbito escolar é possível trabalhar, fundamentando-se nas ciências humanas, de forma interdisciplinar, buscando a compreensão do processo histórico desses grupos de etnias diversificadas. Os PCNs sinalizam que para se desenvolver atividades que possam estudar esse cotidiano, é possível identificar as muitas manifestações que permitem o trabalho sobre pluralidade, os fatos da comunidade ou comunidades relacionadas ao meio escolar, as notícias de jornais, rádio e TV, as festas das localidades, estratégias de intercâmbio entre as escolas de diferentes regiões do Brasil e de diferentes municípios do mesmo Estado (PCNs, 1999: 40).

Em síntese, as escolas brasileiras, para exercerem a função social a que se propõem, precisam possibilitar o cultivo do patrimônio cultural, considerando as expectativas e as necessidades dos alunos, dos pais, dos membros da comunidade, dos professores, enfim,

dos envolvidos diretamente no processo educativo. É nesse universo que o aluno vivencia situações diversificadas que favorecem o aprendizado, para dialogar de maneira competente com a comunidade, aprender a respeitar e ser respeitado, a ouvir e ser ouvido, a reivindicar direitos e a cumprir obrigações, a participar ativamente da vida científica, cultural e social e política do País e do mundo (PCNs,1999:35).

Os PCNs nos habilitam, assim, a tomarmos a estrutura e funcionamento da escola, seu currículo e a pluralidade cultural como campos de investigação de vários fenômenos da vida da comunidade e a orientar tal investigação para a construção ou reconstrução da identidade cultural desta, utilizando ainda os elementos culturais locais existentes como ligação entre os conteúdos programáticos escolares e o contexto dos alunos.

2. OBJETIVOS

São objetivos, portanto dessa investigação:

2.1. OBJETIVO GERAL:

Conhecer como pensam alunos, ex-alunos, professores e funcionários do Colégio Estadual de Missão do Sahy, além de outros membros da comunidade, sobre a história do povoado.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

2.2.1 Identificar que conhecimento os alunos, ex-alunos, professores e funcionários do Colégio Estadual de Missão do Sahy, entrevistados nesta pesquisa, têm sobre a história do povoado em que vivem;

2.2.2. Identificar os meios pelos quais os entrevistados tomaram conhecimento da história do povoado e a relação existente entre esse conhecimento e a memória dos membros idosos da comunidade;

2.2.3 Identificar os momentos de interação existentes entre a escola e a vida sócio-cultural da comunidade, verificando a presença desta nas atividades pedagógicas realizadas.

CAPÍTULO 2

O CONTEXTO DAS ORIGENS: MISSÕES E ALDEAMENTOS

1. MISSÕES E ALDEAMENTOS

A ação missionária católica e a criação e deslocamento do gado (aos quais logo foi acrescentada a corrida pelo ouro e pedras preciosas) constituíram o pano de fundo inicial da conquista e colonização das partes norte e nordeste da região correspondente ao atual Estado da Bahia, durante a segunda metade do século XVII e o século XVIII. A colonização se estabeleceu sobre sangrentas batalhas entre bandeirantes e indígenas, durante o chamado “ciclo da caça ao índio, (...) [que] representou uma aliança entre administradores, bandeirantes e proprietários rurais (...) para ocupação das terras. Em todas elas, a primeira providência após a vitória foi a sua partilha, com a atribuição de sesmarias aos conquistadores”, (Welling 1994:117).

Os documentos da época dão conta da formação de uma nova sociedade que se iniciava na Bahia, com “culturas absolutamente miscigenadas, sineréticas (...) diferentes na fé, nas atitudes perante a vida, na língua e nos costumes” (Op. cit., p.49). Tornou-se de grande importância, então, o trabalho dos religiosos da Companhia de Jesus e de outros, que ajudaram a estreitar os laços entre o nativo e o colonizador, com a incumbência (ou pretexto) de converter o primeiro à religião católica e, assim, salvar-lhe a alma.

Neste contexto, as aldeias indígenas existentes entre os vales dos rios Salitre e São Francisco (inclusive no espaço da futura Missão do Sahy) viram-se incluídas entre as sesmarias da Casa da Torre e as terras de posse dos Guedes de Brito. Essas famílias, grandes criadoras de gado desde o século XVI, haviam-se dedicado à conquista e

povoamento e, mais explicitamente, à dizimação de aldeias de índios, à perseguição aos missionários, que protegiam os índios, e ao aprisionamento de negros escravos foragidos das fazendas do litoral da Colônia. Tal situação contribuiu para o paulatino abandono, por parte dos jesuítas, das missões, que haviam começado a ser instaladas pelo menos em data tão remota quanto 1665 (Freitas, 1997: 22). No entanto, já em 1697, outros religiosos, os franciscanos, haviam começado a edificar a missão de Nossa Senhora das Neves do Sahy.

2. O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

2.1.OS ALDEAMENTOS

A expansão marítima da Europa Ocidental católica, particularmente Portugal e Espanha, e mesmo a implantação do processo de colonização, fez-se sob a justificativa ideológica da expansão e universalização da fé católica e da salvação das almas. Com efeito, o primeiro momento da efetiva colonização na Bahia, com a construção da cidade do Salvador e a ocupação do recôncavo por ele dominado geograficamente, coincidiu com a montagem e teste do modelo de relação com os antigos moradores da terra e da estrutura pedagógica da dominação das almas. Vindos, em 1549, junto com o 1º governador geral, Tomé de Souza, os membros da Companhia de Jesus criaram e implantaram escolas de ler e escrever, colégios e, o que interessa particularmente a este estudo, aldeamentos indígenas.

A estratégia de ocupação criada pelo colonizador no âmbito da Baía de Todos os Santos foi um processo violento, descrito em cinco etapas: a) a das relações, ainda

pacíficas, baseadas em trocas simples entre colonos e indígenas, em que novos costumes iam sendo introduzidos entre os últimos; b) a das ocupações de terras para o plantio da cana-de-açúcar, na qual inicia-se o processo produtivo e, com ele, a tentativa de escravização do índio; c) a da chegada dos jesuítas e instalação do Governo Geral, quando os índios são obrigados a abdicar dos seus costumes para assumirem uma nova cultura, o que provocou ações e reações violentas, fugas e abandonos das aldeias; d) a da epidemia de varíola, que teria matado cerca de 30 mil índios, restando apenas quatro aldeias, dentre quinze existentes, e, e) a da reconstrução das aldeias restantes, que, diminuídas na sua população não mais ofereceram resistência ao processo de dominação.(Paraíso, s/d.:47-48)

Petrone (1995), afirma que a implantação do regime econômico da nova colônia necessitava de um território racionalmente pensado; para isso criaram-se os aldeamentos, legalizados mediante as declarações do Rei D.João III, contidas no Regimento de Tomé de Souza :

A principal causa que se moveu a mandar povoar as ditas terras do Brasil, foi para que a gente dela se convertesse a nossa fé católica, e mais, porque parece que será grande inconveniente os Gentios que se tornaram cristãos, morarem na povoação dos outros e andarem misturados com eles, e que será muito serviço de Deus e meu apartarem-se da sua conversação, vos encomendo e mando que trabalheis muito para dar ordem como os que forem cristãos morem juntos, perto das povoações das ditas capitâneas, para que conversem com os cristãos e não com os gentios, e que possam ser

doutrinados e ensinados nas coisas da nossa fé.
(p.108)

Após esta primeira etapa da colonização do recôncavo, estabelecida já a experiência dos aldeamentos como parte da pedagogia de cristianização do Novo Mundo, outra etapa se inicia, tendo como canal de entrada o Rio São Francisco, em direção ao qual adentram, desde a Casa da Torre, o gado e as forças militares de Garcia d'Ávila, interessado também no salitre existente na região das Jacobinas, bem como na procura de pedras preciosas.

Boiadas criadas em Sergipe na virada dos Quinhentos se multiplicam e, no meado do século já formam um apêndice indispensável à economia açucareira. A ponto de construir um dos tópicos importantes das disputas luso holandesas na América portuguesa. Espalhando-se nas margens do São Francisco, as fazendas traziam as rezes até Salvador, até a feira de Capoame (atual Garcia d'Ávila, município de Camaçari), por três trilhas sucessivas, a de Jeremoabo (a mais antiga), a de Jacobina e a de Juazeiro, na ponta do vértice boiadeiro que penetra no Piauí e no Maranhão no final do século XVII (Alencastro, 2000:340)

1.2. AS JACOBINAS

Em meados do século XVII corre a notícia da descoberta das minas de metais e pedras preciosas no sertão da Jacobina e Rio de Contas. Os acessos foram abertos e o colonizador marchou para ampliar suas conquistas, seguindo aqueles que foram expandir a fé cristã e educar os indígenas.

As Jacobinas eram um território situado entre Montes Altos e a Cachoeira de Paulo Afonso e entre os rios São Francisco e Rio de Contas. Dividido por duas grandes regiões com os nomes de Jacobina Nova e Jacobina Velha (Freitas, 2001:84). Temos, embora para o final do século XVIII, uma relação das freguesias existentes na Jacobina (Vilhena, 1800), e, consta, em Menezes (2001), que, na época da entrada dos jesuítas na região das Jacobinas (1665), foram provavelmente encontradas 80 aldeias e, logo depois, criados quatro aldeamentos (op.cit.117).

Tabela 1-Levantamento...Comarca do Sul ou da Jacobina (extrato) 1795

COMARCAS E VILAS	ORAGOS DAS FREGUESIAS	FOGOS	ALMAS	GENTE QUE PODEM DAR	OBSERVAÇÃO
Comarca do Sul ou da Jacobina	1.S. Antonio da Vila da Jacobina	287	2.210		Estas 10 freguesias abraçam o sul da Jacobina e não podem dar gente para a Tropa pela sua grande extensão de terras rodeadas de gentios bravos além do que se empregam, na cultura, e criação de gados com que fornecem a cidade
	2.S. Antonio da Jacobina	321	3.120		
	3. S. Antonio da Vila de Urubu de Cima				
	4. S. Antonio do Livramento do Rio de Contas	362	3.425		
	5. Santana do Caiteté				
	6. Sento Sé	663	3.223		
	7.Santana do Pambu	147	1.018		
	8. N.S. do Bonsucesso	243	2.023		
	9.S. Francisco das Chagas vila da Barra do rio Grande	93	1.019		
	10.N.S. da Conceição do rio Pardo	286	1982		
		299	2.026		
		288	1.924		
	Total	2989	21.970		

Fonte: Mapa de todas as freguesias que pertencem ao Arcebispado da Bahia, Vilhena(1800)

Com as Guerras do Salitre (1676), em que as Tropas da Casa da Torre teriam dizimado várias tribos e entrado em choque direto com os índios aldeados, encerra-se o período de florescimento das missões e desaparecem os primeiros aldeamentos jesuítas da região (Freitas, 2001:117). Por volta de 1680 novos padres – carmelitas e franciscanos – recomeçam o trabalho evangelizador nas Jacobinas, sendo estes últimos responsáveis pela edificação do aldeamento de Missão de Nossa Senhora das Neves do Sahy.

Em várias partes do Brasil, para melhor protegerem-se e prosseguir em sua obra de catequização, os missionários foram constituindo e administrando “aldeamentos” a partir das antigas aldeias, criando espécies de núcleos missionários cuja versão laica, no Sul do Brasil, constatamos desde pelo menos 1617, quando Martim de Sá foi incumbido de implantar um em Cabo Frio, a fim de impedir o comércio de holandeses e ingleses no sul da Colônia (Alencastro, 2000: 123). Aos missionários foi delegado o papel de condutores do processo implantado em Cabo Frio, aproveitando os descimentos, ou seja, o incentivo ou coação aos deslocamentos de tribos mais dóceis e de fácil domesticação para outras áreas, a fim de protegerem os moradores das fazendas e vilas, mantendo-os afastados das tribos consideradas selvagens (cuja divisão e isolamento – a chamada redução – facilitava sua dizimação), dificultando a fuga de escravos das regiões colonizadas e, finalmente, bloqueando o fluxo migratório das outras tribos. Com isso dispunha-se, ainda, de mão-de-obra para os afazeres das fazendas e vilas (Alencastro, p.181).

O ajuntamento, em aldeamentos, de tribos reduzidas ou descidas, instaladas entre o povoamento branco e as tribos não catequizadas, criava um contingente humano influenciado pelos missionários e pronto a combater tanto as tribos inimigas quanto os invasores brancos estrangeiros. Com a criação do regime das missões desenvolveram-se regras para conter a migração dos aldeados, e discipliná-los para o trabalho. Isto “consistia no estabelecimento de centros de concentração onde os índios eram localizados, instruídos na religião e em rudimentos de agricultura e iniciados na prática de um trabalho regular”(Petrone,1995,op.cit.113) Serafim Leite complementa descrevendo fragmentos da metodologia trabalhada na formação dos “soldados de Cristo”:

O jesuíta não se contentava em catechizar o gentio, procurava transformá-lo em 'soldado de Cristo'. Reunia os índios em aldeias, submetia-os a uma disciplina, a um methodo de vida coletivo. Obrigava-os a trabalhar a horas certas e reunir o produto do trabalho em comum para ser aproveitado por todos da comunidade (op. Cit., p.113)

Após a independência nacional, contudo, a criação do Regulamento das Missões (1845) acabou por permitir aos fazendeiros e criadores de gado assumirem a administração dos aldeamentos, primeiro passo para a desvalorização dos índios (Cunha,1992: 451) e para a consolidação do processo de confisco das suas terras. Com efeito, a prática do aldeamento conduziu o Império do Brasil a uma política dual, aplicada a dois tipos de índios: de um lado, os aldeados (que aceitavam pacificamente o processo e que chegavam a solicitar,

através dos seus chefes, o descimento e aldeamento da tribo) e os que se aliavam aos brancos sem sequer migrar, e, de outro lado, os gentios bárbaros (cujo comportamento rebelde “justificava” o extermínio por parte dos brancos). Tal política torna mais transparente o processo de espoliação, sob as aparências da assimilação:

(...) deportam-se aldeias e concentram-se grupos distintos; a seguir extingue-se aldeias a pretexto de que os índios se acham “confundidos com a massa da população”; ignora-se o dispositivo da lei que atribui aos índios a propriedade da terra das aldeias extintas e concedem-se-lhes apenas lotes dentro delas; revertem-se as áreas restantes ao Império e depois às províncias, que as repassam aos municípios para que as vendam aos foreiros ou as utilizem para a criação de novos centros de população. Cada passo é uma burla, e o produto final resultante desses passos mesquinhos é uma expropriação total (Cunha: 2000:146).

Essa pretensa assimilação ao restante da população é analisada por Ribeiro (1986), que afirma que

nenhum grupo indígena, mesmo depois de completada a sua aculturação por perda da língua e do patrimônio cultural original, se incorpora por assimilação, fundido ao corpo da sociedade nacional (...) [E] em lugar da sua assimilação, o que ocorre é o seu desaparecimento por desgaste etnocida ou por extermínio, genocida, ou sua sobrevivência como grupos “integrados” à vida regional, na qualidade de contingentes cada vez menos diferenciados da gente do seu contexto, mas que continuam, apesar disso, se identificando e sendo identificados como indígenas (p.248).

Esse processo, que dura até a atualidade, de integração das populações dos aldeamentos e ex-aldeamentos à vida regional originou massas ignorantes de sua diferenciação cultural e divorciadas do conhecimento de sua história. Daí a “decadência e a apatia das populações aldeadas, marcadas pelo conformismo e a aceitação de um destino inexorável de aniquilamento” (Dantas, et. al 1992:446.), características comumente relatadas pelos visitantes europeus do século XIX (Spix e Martius), que também dão conta de massacres e espoliações capazes de aniquilar qualquer capacidade de reação por parte dos aldeados.

2 – DESVENDANDO A MEMÓRIA

O quase silêncio das fontes documentais brasileiras, sobretudo no que diz respeito aos índios (aldeados ou não) e seus descendentes, acerca do passado das comunidades, e o abandono deste passado e do próprio presente das mesmas por parte das escolas, aponta para vários problemas das relações entre identidade cultural, escola e conhecimento histórico, três temas estreitamente relacionados à memória.

Num sentido lato, se chamarmos “memória” a simples permanência, enquanto vestígio, de uma informação em geral (simbólica ou não) mediante um certo meio, material ou mental, teremos que concordar em que tudo é memória, e é assim que Biervliet e Piéron, citados por Filloux (1966:18), chamam de memória “toda influência persistente de eventos passados sobre a atividade ulterior dos seres”. Neste sentido, uma cadeia de DNA transmite informações para as células biológicas, como uma pegada para o caçador e uma sirene para

o operário de fábrica. No sentido estritamente humano, porém, a memória se distingue por envolver uma complexidade de fatores que vão da constituição neurológica humana às regulamentações da vida social. Diante dela, não há meras informações, mas signos socialmente criados, utilizados e difundidos, ou seja, há formação de sentido, comunicação propriamente dita. E não se trata apenas de impressão persistente sobre um meio dado, mas seletividade a partir de linguagens e resultante de relações de poder, expressas ideologicamente (Le Goff, 1996:426). E mesmo a memória individual é muito mais que registro passivo de informações, pois tanto podemos chamar memória as representações acumuladas (conscientes ou não) quanto o ato (consciente) de recuperar representações antes esquecidas.

Para expressar essa complexidade, Bergson e Russel distinguiram (Sutton: 2003; Mora: 1982: 258-9): a) memória recordativa, que diz respeito a eventos pessoalmente experimentados, num passado próximo ou remoto (como quando se diz “Lembro-me do que ocorreu durante a aula de ontem”); b) memória-hábito, que se relaciona com habilidades adquiridas, tais como jogar futebol ou dirigir automóveis. Por seu turno, Broad e Furlong contrapuseram à memória representativa uma memória proposicional, que se refere à intrincada cadeia de informações conceituais que permeia nosso conhecimento do mundo e que não foram vividas pela própria pessoa (por exemplo: “Lembro-me que o professor não foi à aula porque estava em Paris”). Essas distinções filosóficas aproximam-

se, de noções psicológicas recentes e apontam para um crescente uso da interdisciplinaridade no estudo da memória, segundo Sutton (2003).

Importantes funções mentais do indivíduo humano, tais como o pensamento ou a imaginação, têm como referente a memória, e isso é tanto mais verdadeiro quando se trata da vida humana coletiva, tornada possível pela função lingüística. E é nesta função que a memória apresenta com mais clareza seu caráter social. Com efeito, para Pierre Janet, segundo Le Goff (p. 424-5), “o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo” que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do objeto que constitui o seu motivo”. Por outro lado, é atributo da linguagem e, portanto, da memória, a capacidade de promover a ampliação e divulgação do saber humano, pois, de acordo com Atlan, ainda segundo Le Goff (p. 425),

a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isso significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória .

Promover a ampliação e divulgação do saber humano, através, sobretudo, das linguagens falada e escrita é, tradicionalmente, objetivo básico da educação em geral e da escola em particular. E, assim como o fazem as ciências humanas, a Pedagogia pode

também postular, acima da memória pessoal, a possibilidade de uma memória coletiva, responsável pela relativa perenidade das instituições (incluindo a escola), embora imersa e sujeita aos efeitos das convulsões históricas. Essa memória coletiva seria um resultado das regras sociais que regem os grupos e das lutas entre os grupos; em outros termos, faz-se na história dos grupos e, por outro lado, é condição de possibilidade do próprio conhecimento histórico por parte dos grupos; por isso,

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações (...) dos grupos (...) que dominaram e dominam as sociedades históricas. (Le Goff, 1996:426)

Para Leroi-Gourhan, a história da memória coletiva pode ser periodizada em cinco etapas: a da transmissão oral, a da transmissão escrita, a das fichas simples, a da mecanografia e a da seriação eletrônica. Ocorre que tais etapas não eliminam necessariamente as anteriores, de modo que, na atualidade, encontramos comunidades recentes em que a oralidade desempenha um papel fundamental, fazendo persistirem características da primeira etapa, com a transmissão oral dos mitos de origem e dos conhecimentos práticos e técnicos; aqui, os “homens-memória” (guardiões da memória dos grupos) exercem o papel de assegurar a manutenção dos costumes e da coesão dos grupos. (op. cit. p.429)

Exercitando essa memória coletiva, a escola pode, finalmente, inserir-se nas lutas sociais, ao buscar resgatar as identidades culturais pelo processo de retirar a história do esquecimento e torná-la memória a serviço do homem do presente. Como para Halbwachs, “lembrar não é reviver, é refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 1994).

CAPÍTULO 3

A ABORDAGEM METODOLÓGICA E OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA

1. INTERACIONISMO E RESGATE DA MEMÓRIA

Esta investigação fundamenta-se nas sugestões da corrente conhecida por “Interacionismo Simbólico”, em virtude de os métodos e instrumentos desta serem capazes de privilegiar as experiências dos indivíduos humanos em suas interações diárias e interpretar o sentido que os mesmos atribuem aos objetos, acontecimentos e símbolos que os rodeiam (Coulon, 1995:60). Essa corrente tem o seu pensamento fundamentado no pragmatismo de Dewey, é representada por expoentes como George Mead, Willian Thomas e Erving Goffman e tem como objetivo investigar as interrelações que existem entre o sujeito e o mundo e “considera que as pessoas não reagem mecanicamente às ações do outro, senão que interpretam seu comportamento, em função das significações que elas lhe atribuem”; além disso, “rechaça as perspectivas introspectivas e reducionistas, e busca desenvolver uma perspectiva holística e empírica centrada na relação sujeito-meio”. (Anadón,1999)

O autentico conhecimento nos é fornecido através das experiências imediatas, das interações diárias e do sentido que os atores sociais atribuem aos objetos, acontecimentos e símbolos que os rodeiam, pois partilhamos uma cultura que é um conjunto elaborado de significações e valores que orientam a maior parte das nossa ações e que nos permite produzir em larga medida o comportamento dos outros indivíduos. (Coulon 1995:60) Neste conjunto estão presentes os modos de ser e sentir e estar no mundo dos diversos membros da comunidade; logo, não é um conjunto homogêneo, linear: nele inserem-se a diversidade

membros da comunidade; logo, não é um conjunto homogêneo, linear: nele inserem-se a diversidade dos grupos que formam a comunidade, as relações de poder entre os seus membros, a teia de relações sociais e as desigualdades de origem, que desembocam em “projeto” da comunidade, incluindo e excluindo saberes, “lembrando” e “esquecendo”, escolhendo o conteúdo das lembranças e a pauta do que deve ser preservado e transmitido às novas gerações.

Procuramos, portanto, verificar a tessitura da memória e da sua construção, bem como, em especial, o papel da escola nestes processos. Várias “comunidades” entram aqui em cena: os descendentes dos indígenas aldeados pelas missões; moradores “caboclos” das cercanias do espaço delimitado; alunos e funcionários da escola, habitantes ou não de Missão do Sahy; professores e responsáveis pela organização e desenvolvimento das atividades curriculares da Escola que, por ser estadual, obedece a regimento e programação elaborados em conjunto com a Diretoria Regional de Educação (DIREC-28), órgão estadual que, porém, responde a autoridades não presentes diretamente na comunidade, mas que lhe ditam, muitas vezes, o texto.

Os “atores”, em nossa pesquisa, são membros da comunidade de Missão do Sahy, distrito do município de Senhor do Bonfim, Estado da Bahia, Brasil – alunos, ex-alunos, professores e funcionários do Colégio Estadual de Missão do Sahy e de vários membros da comunidade, que, pela sua vivência e participação, sentem e compreendem os reflexos da atuação da escola em suas vidas.

A história da educação na comunidade remonta ao período colonial, quando aconteceu a catequização missionária dos indígenas. No entanto, até a atualidade ainda não foram encontrados registros que esclareçam a convivência entre indígenas e padres na região e a ação catequética. Os poucos vestígios são observados nos costumes, nos alimentos, na toponímia, em algumas canções e manifestações culturais, além de raros documentos históricos e arqueológicos casualmente encontrados. Por outro lado, a expulsão dos jesuítas do Brasil (1763) e a transformação dos aldeamentos em vilas em meados do século XVIII, até o início do século XX, já sob regime laico, pouco se sabe da educação local. Nas Cartas de Vilhena (Vilhena-1969:267), em mapas anexos à carta 8ª, encontramos, mas para a Vila da Jacobina, que em 1795 havia uma cadeira de Ler e Escrever e outra de Gramática Latina. Com relação ao conjunto das escolas existentes na Bahia, província do Brasil independente (período do Império brasileiro), entre 1834 a 1856 há registros, em Pires de Almeida (2000:67-8), de escolas primárias nas localidades das Jacobinas – na região estudada, onde existiam aldeamentos e missões, a saber: Freguesia Velha (Campo Formoso), Geremoabo(sic!), Itapicuru de Cima (com o registro de fundação antiga com aula de Latim); Jacobina (também fundação antiga, sem data precisa; aí também ocorre a presença de uma aula Régia de Latim), Mirandela, Monte Santo, Morro do Chapéu, Pambu e Pombal, e (o que interessa mais de perto ao nosso estudo) em Vila Nova da Rainha (nome que então tinha o atual município de Senhor do Bonfim), com a menção de que a sua criação era anterior a 1800. O citado autor comenta que antes de 1840 existiam

132 escolas primárias e que muitas (em especial as aulas régias de Latim) remontavam ao tempo dos jesuítas. Por intermédio de Lourenço Silva (1906) é que passamos a saber que existiu, já em finais do século XIX ou princípios do XX, somente em Missão do Sahy, uma escola pública de instrução primária, mista, com Regente, cuja matrícula chegava a quase 40 alunos. Daí em diante, todo o progresso consistiu, a partir de meados do século XX, no surgimento das duas atuais escolas existentes, uma administrada pelo Município, e outra, a que nos interessa aqui, a cargo do Estado da Bahia.

2. O COLÉGIO ESTADUAL DE MISSÃO DO SAHY

O Colégio Estadual de Missão do Sahy é de fácil acesso e atende a demanda do povoado, sítios e fazendas próximas, em média de 570 alunos/ano dos ensinos Fundamental e Médio e classes de Aceleração I, II e III. A Aceleração atende a alunos com distorção série-idade, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 27 de dezembro de 1996.

A organização administrativa do Colégio é formada por 01 diretor, 01 vice-diretor, 01 coordenador pedagógico, 04 funcionários e 27 professores. O funcionamento ocorre em três turnos, assim distribuídos: 1) turno matutino: ensino médio e fundamental de 5ª a 8ª séries; 2) turno vespertino: turmas de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental; 3) turno noturno: Aceleração I, II e III. O corpo docente tem formação de 3º grau ou em fase de conclusão e constitui-se de profissionais domiciliados na sede do Município de Senhor do

Bonfim. O ingresso no corpo docente estadual é feito através de concurso público e a sua nomeação dá-se por indicação de órgão oficial específico do governo estadual (Diretoria Regional de Ensino e Cultura – Direc-28).

As dependências físicas do Colégio encontram-se em boas condições para desenvolver as atividades escolares e constituem-se de 04 salas de aula, um laboratório de informática, com 08 microcomputadores, uma biblioteca contendo livros didáticos, sala de coordenação, diretoria, banheiros e cozinha.

3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para essa investigação escolhemos, como instrumentos de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada, a observação participante, as histórias de vida de dois membros que nasceram e vivem na comunidade, além de antigos documentos relativos ao passado histórico do povoado.

3.1. A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

A entrevista semi-estruturada, armazenada em fitas cassete, foi elaborada a partir das considerações de Haguette (1995), que caracteriza esse tipo de pesquisa como um processo de interação entre pessoas para obtenção de informações, e de Minayo (1993), que flexibiliza ainda mais esse tipo de instrumento ao destacar que não há necessidade de uma seqüência muito rígida dos assuntos abordados; segundo ela, a sua qualidade está em

enumerar de forma mais abrangente possível as questões que o pesquisador quer abordar no campo, a partir de suas hipóteses ou pressupostos, advindos, obviamente, da definição do objeto de investigação. (Minayo,1993:121)

Como questões a serem submetidas aos entrevistados, optamos pelas seguintes:

1. O que você sabe sobre a história de Missão do Sahy?

Com esta questão buscamos identificar qual é o conhecimento que os entrevistados têm sobre a história do povoado de Missão do Sahy.

2. Como você tomou conhecimento dessa história?

Através dessa questão procuramos identificar os meios pelos quais os sujeitos pesquisados tomaram conhecimento sobre a história do povoado, bem como estabelecer relação entre a memória histórica e o pensamento dos entrevistados.

3. Como a escola trabalha Missão do Sahy?

Com esta questão acreditamos ser possível identificar os momentos de interação existentes entre a escola e a comunidade e sua história.

3.2. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante foi utilizada para registrar o comportamento dos segmentos investigados envolvidos durante os eventos realizados no povoado no mês de agosto de 2003, quando se comemorou a festa da Santa padroeira do local, a 1ª Jornada Cultural de Missão do Sahy e cursos de capacitação em Arqueologia e Missões, Gestão Social e Gestão Ambiental, desenvolvidos pelo Departamento de Educação da

Universidade do Estado da Bahia – Campus VII –, em Senhor do Bonfim, em parceria com duas organizações não governamentais: Kirimurê e Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu.

A Observação participante é uma técnica que pode ser considerada “a menos estruturada nas ciências sociais e não supõe nenhum instrumento específico para direcionar a observação... [mas] o seu sucesso pesa quase que inteiramente sobre os ombros do observador...” (Haguette 1995:67).

3.3. HISTÓRIA DE VIDA

A história de vida de alguns membros da comunidade foi resgatada através da oralidade, em entrevistas coletivas, e mesmo levando em conta os elementos subjetivos porventura existentes se constitui num instrumento de fundamental importância no resgate da história local e na compreensão de determinados elementos culturais no povoado. A história de vida, principalmente dos mais idosos, concebida como complementar, vem ajudando a compor as informações sobre algumas vivências aparentemente desaparecidas da comunidade.

3.4. DOCUMENTOS ANTIGOS

A documentação, encontrada na historiografia regional, retrata parte dos acontecimentos que envolveram direta ou indiretamente a vivência desse povoado durante os séculos XVI, XVII e XVIII.

4. VANTAGENS E INCONVENIENTES DOS INSTRUMENTOS

As vantagens na utilização das entrevistas, das histórias de vida e da observação participante são o estreitamento de relações entre o pesquisador e os entrevistados, o que permitiu uma aproximação maior com a comunidade, permitindo conhecer mais de perto os membros mais velhos, descobrir outros costumes, de conhecer o que ainda resta do patrimônio arquitetônico da localidade, além de conviver um pouco com os problemas inerentes a ela.

A comunidade pesquisada, apesar de sua longa história e de possuir um patrimônio histórico e arqueológico ainda inexplorado, apresenta baixos índices de desenvolvimento sócio-econômico, é considerada carente em relação ao padrão de vida médio das sociedades contemporâneas e, conseqüentemente, apresenta um amplo espectro de problemas relativos a educação, saúde, renda familiar, alcoolismo, prostituição infantil, gravidez na adolescência, depredação do patrimônio etc. A aplicação de instrumentos de pesquisa como os utilizados, em função do seu caráter semi-aberto e qualitativo, além da pouca experiência do investigador nas primeiras entrevistas, permitiu aos pesquisados tergiversarem por essas diversas questões, ainda que dificultando, a princípio, o refinamento das questões específicas aos objetivos em pauta.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa tiveram conhecimento prévio sobre o teor da mesma, sobre as gravações que seriam feitas e quais as justificativas da realização desse trabalho, além de saberem que teriam garantido o seu anonimato e a preservação das

informações obtidas. Quanto à transcrição e a digitação do conteúdo das fitas foram feitas pelo pesquisador, observando-se a necessidade de preservação dos modos de expressão dos entrevistados, sem cortar ou substituir os erros gramaticais ou formas não convencionais da língua portuguesa.

5. OS SUJEITOS DA PESQUISA E CRITÉRIOS DE ESCOLHA

A escolha dos grupo-alvo da investigação (alunos, ex-alunos, professores, funcionários e membros da comunidade) teve como princípio básico buscar pessoas que vivenciaram e vivenciam o dia-a-dia da escola ou sentem os reflexos da escola na sua comunidade e que se colocaram voluntariamente à disposição para colaborar com a investigação.

5.1.OS ALUNOS E EX-ALUNOS

Os sujeitos da pesquisa, aqui designados por A, B, C, D, E, F e G, incluem alunos e ex-alunos, num total de 5 e 2, respectivamente, todos descendentes de pessoas nascidas no povoado e todos nele residentes (Quadro 1). O local de realização da entrevista, fora das dependências do Colégio, foi escolhido pelos próprios entrevistados – que se disseram tímidos, sem experiência em pesquisa; talvez se sentissem mais à vontade se estivessem distantes daquele local.

Alunos	Idade (anos)	Sexo	Série
A	8 - 9	Feminino	1 ^a a 4 ^a
B	8 - 9	Feminino	1 ^a a 4 ^a
C	11 - 15	Masculino	5 ^a a 8 ^a
D	11 - 15	Masculino	5 ^a a 8 ^a
E	28	Masculino	Aceleração II
F	36	Feminino	ex-aluna
G	20	Masculino	ex-aluna

Quadro 1: Características dos alunos e ex-alunos que participaram da pesquisa

5.2 OS PROFESSORES

As entrevistas com os professores foram realizadas no Colégio Estadual de Missão do Sahy, pela manhã, num horário em que o colégio encontrava-se sem aulas (em virtude do término da aplicação das provas de unidade). Participaram 3 professoras, designadas neste trabalho de H, I e J (Quadro 2). A professora I teve um período de 05 anos de residência no povoado e atualmente, como as outras, reside em Senhor do Bonfim, sede do Município.

Professoras	Idade (anos)	Formação	Residência
H	37	Superior – Pedagogia	Senhor do Bonfim
I	53	Médio	Senhor do Bonfim
J	39	Superior	Senhor do Bonfim

Quadro 2: Características dos professores que participaram da pesquisa

5.3 OS FUNCIONÁRIOS

As entrevistas com os funcionários (K e L) foram realizadas individualmente, e no próprio colégio (Quadro 3). O funcionário L nasceu em outro município, mas reside no povoado há 54 anos.

Funcionários	Idade (anos)	Sexo	Residência
K	31	Feminino	Missão do Sahy
L	62	Masculino	Missão do Sahy

Quadro 3: Características dos funcionários que participaram da pesquisa

5.4 MEMBROS DA COMUNIDADE

Os membros da comunidades entrevistados foram 5 senhoras com mais de 59 anos de idade, nascidas e domiciliadas no povoado e consideradas, neste trabalho, como informantes qualificadas (Quadro 4). Foi realizada uma entrevista coletiva em cada um dos dois grupos organizados por elas, em função de suas afinidades pessoais mútuas:

- a) a primeira, com as senhoras M e N;
- b) a segunda, com as senhoras O, P e Q, reunidas na casa da primeira, em função do costume diário de se encontrarem à tarde para conversar.

Membros da comunidade	Idade (anos)	Sexo	Residência
M	70	Feminino	Missão do Sahy
N	66	Feminino	Missão do Sahy
O	97	Feminino	Missão do Sahy
P	68	Feminino	Missão do Sahy
Q	60	Feminino	Missão do Sahy

Quadro 4: Característica dos membros da comunidade que participaram da pesquisa

6. ORGANIZAÇÃO DOS DADOS EM SESSÕES E CATEGORIAS

Os dados da pesquisa foram organizados em quatro sessões: as entrevistas, a observação participante, a história de vida e os documentos antigos:

6.1. AS ENTREVISTAS

6.1.1. Conhecimento sobre a história de Missão do Sahy

A Missão nasceu com os índios

A Missão nasceu com os jesuítas ou franciscanos

A Missão é mãe de Bonfim: foi onde tudo começou

6.1.2. Com quem aprendeu a história de Missão do Sahy

Aprenderam com os pais e avós

Aprenderam com os mais velhos: o finado caboco sabia de tudo

A escola conta um pouco da história

6. 1.3. A interação entre a escola e a comunidade de Missão do Sahy

A comunidade vai à escola nas festas juninas e feira de cultura

6.2. HISTÓRIAS DE VIDA

6.2.1. Lendas e histórias compõem o universo das lembranças dos velhos do povoado de Missão do Sahy

6.3. OBSERVAÇÕES

6.3.1. Festa da padroeira

6.3.2. 1ª jornada Cultural de Missão do Sahy

6.3.3. Solenidade fúnebre

6.3.4. Cursos de Capacitação

6.4. DOCUMENTOS

6.4.1. Fragmentos de documentos transcritos pela historiografia regional

6.4.2. A historiografia regional

CAPÍTULO 4

O CONHECIMENTO SOBRE A HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY: O QUE DIZEM AS ENTREVISTAS

1. O CONHECIMENTO SOBRE A HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY:

1.1. A MISSÃO ORIGINOU-SE DOS ÍNDIOS

“A Missão... veio dos indígenas, dos índios, nasceu dos índios...” As opiniões do aluno C (ver Anexo I) vêm-se juntar ao pensamento corrente da microrregião: que Missão do Sahy foi uma aldeia de índios, aos quais uns denominam de “pataxós” e outros, mais recentemente, “cariris”; são afirmações que mostram desconhecimento da história da região, baseando-se em conceituações fragmentadas, retransmitidas geralmente pelos idosos em histórias contadas e até mesmo cantadas diante de seus netos, amigos e pessoas que os interrogam a respeito da história da localidade.

Embora os mais velhos digam que havia índios, o fato é que, talvez devido à distancia que os separa dos acontecimentos, os vestígios dessa história foram se tornando cada vez mais raros até chegar ao “esquecimento” pela memória coletiva, a exemplo do que ocorreu com a língua falada pelas nações indígenas que viviam nesses territórios, a designação dessas tribos, as características de alguns ritos, a exemplo do Toré, e outros elementos culturais.

A existência de várias nações indígenas ao longo do território das chamadas “Jacobinas” é confirmada pelos relatos dos viajantes europeus Von Martius e Spix (1817–1820), quando de sua passagem “através do sertão da Bahia, até às margens do Rio São Francisco”, onde registraram, através de história oral, a indicação das aldeias Payayás,

Sapoyás, Secaquekirinhem, Tapuias, Aracuiás, Opacatiarás, Chacraibás, Pontás, Chucurús (ou Chocós), Massacarás e Cariris (ou Kiriris). Contudo, para eles, “poucas dessas tribos indígenas pode-se citar o lugar em que moraram”, pois as tribos que habitavam a Jacobina Velha não tiveram êxito, a maioria dos índios foram mortos e o que restou se misturara aos portugueses e mestiços, assim como a do Saí, “da qual quase não encontramos mais vestígio algum na visita que lá fizemos” (Freitas, 2001:141–143).

A relação entre a presença jesuítica e os índios transparece na fala do aluno E, cuja avó atribui a origem do povoado a um índio chamado Saí, o que expressa a presença e prestígio dos mitos de origem, transmitido, significativamente, pelos idosos (a avó), denominados por Le Goff (1996) de “guardiões da memória da família e dos grupos”.

1.2. A MISSÃO NASCEU COM OS JESUÍTAS OU COM OS FRANCISCANOS?

Misturam-se aos relatos de que a missão nasceu com os jesuítas, catequizadores dos índios, outras proposições. Assim, um dos nossos entrevistados (o aluno E) funde o passado remoto dos jesuítas e o passado recente das locomotivas na descrição das origens de Missão do Sahy. Segundo ele: “... surgiram os jesuítas que vieram conhecer o lugar para trazer a linha de ferro e a catequese. O advento dos jesuítas visaria a introdução do trem e a catequese, evidente anacronismo, uma vez que a instalação da estrada de ferro somente aconteceu no último quarto do século XIX (Freitas, 2000:189).

Documentos citados por Freitas (2001:85) dão conta da presença dos missionários da Companhia de Jesus na região das Jacobinas desde 1655; justificam-se, assim, as opiniões de alguns alunos quanto à presença desses religiosos no local em tempos remotos. Com efeito,

...ainda os moradores da Jacobina a 5 de abril de 1674 dizem: –ora se tem reduzido a fé católica e batizado uma aldeia da nação Sapoia, para onde se enviou um missionário da Companhia da Jesus...

...eram 45 moradores da Jacobina e um jesuíta lá fundou uma aldeia da nação Sapoia, que em 1674 está com grande temor das tropas paulista.

Sendo a religiosidade um elemento de forte presença na vida do povoado (a permanência da capela do Monte Tabor, do cemitério e de algumas imagens sacras é símbolo disso), é curioso notar, porém, que não encontramos referências aos frades franciscanos da Ordem Menor – os quais, realmente, foram seus primeiros promotores (Machado, 1993) – nas falas dos nossos entrevistados, a não ser por parte de um dos professores: “...quem passou por aqui né? Os franciscanos...[dizem até].que foi jesuítas mas na realidade foi os franciscanos num é isso?”

1.3. A MISSÃO É MÃE DE BONFIM; NELA TUDO COMEÇOU!

Convencionou-se chamar o povoado de Missão do Sahy de “mãe” do município de Senhor do Bonfim, desde as falas dos seus moradores até os registros historiográficos regionais. Machado (1993), entre outros, inicia um estudo sobre as origens do município de Senhor do Bonfim, opinando que

As primeiras notícias sobre o povoamento de Senhor do Bonfim aparecem no ano de 1697. Foi quando nesse ano se Instalou em região próxima à atual sede do município o “Arraial de Missão de Nossa Senhora das Neves do Sahy”, missão religiosa que fora entregue à Ordem dos Frades Menores, ou Ordem dos Padres Franciscanos. (p.04)

A missão era o espaço da catequese, da “civilização”, enquanto existiu a presença importante da igreja através dos missionários franciscanos. Ao ser erigida em Vila, passou a ser um espaço administrativo da Coroa, com a finalidade de administrar a justiça, efetuar a cobrança dos impostos sobre o ouro produzido pelas minas implantar a lei e combater a violência (Freitas, p.127). Muito pouco tempo, porém, ficou sediada a Vila da Jacobina em terras do Saí: por razões desconhecidas para os seus atuais descendentes, apenas dois anos depois seria transferida a Vila para Missão de Nossa Senhora da Gloria, onde atualmente se encontra a cidade de Jacobina. Assim, as transformações pelas quais passou o povoado na

época não parecem relacionar-se fortemente ao sítio histórico da atual cidade-sede municipal de Senhor do Bonfim, na época um ponto de encontro de condutores de gado às margens de uma lagoa a oito quilômetros de Missão do Sahy.

Outros ainda dizem: “...Bonfim é muito jovem porque é filho da Missão e a Missão não saiu do povoado que é...” (H). A explicação das causas dessa estagnação no desenvolvimento do povoado tem a ver, para (L), há causas psicológicas relacionadas com o fato de que “...a Missão é uma história... agora sempre foi desprezada pelos filhos da terra (...) Bonfim era pra ser aqui..” . Também para (H):

“... Bonfim tem cento e poucos, e..é..desenvolveu e a gente pode ver também que pode ser dado isso até pela questão cultural mesmo, a questão do nascimento(...) que começou com os índios, aí a gente vê a raiz da história dos indígenas, como é um povo acomodado, é um povo mais quieto, mais calmo, entendeu? A índole aqui já é assim, então por isso que pode não ter se desenvolvido tanto...”(H)

Há também explicações políticas, e é com muita tristeza que uma senhora fala sobre a falta de atenção por parte dos poderes públicos do Município de Senhor do Bonfim: “... eu sei que a Missão é muito é velha, Mãe de Bonfim e nem é bem zelada como devia pela cidade de Bonfim, que é grande... os prefeito entra e sai e num calça essa praça... a milhó praça, a mais velha, o caminho passava pelo meio, [onde] o gado se amalhava...”

2. COM QUEM APRENDEU A HISTÓRIA DO POVOADO DE MISSÃO DO SAHY

2.1. APRENDI COM OS MEUS PAIS E MEUS AVÓS

Os seres humanos são capazes de aprender uns com os outros, pois são capazes de transmitir conhecimentos (Doll, p.134); nos grupos onde a memória oral é a guardiã dos costumes, a sua história é fundamentada e disseminada através dos mais velhos que se encarregam do saber genealógicos do grupo: são os guardiões dos códigos reais, historiadores da corte, os tradicionalistas, os depositários da história objetiva e da história ideológica, a memória da sociedade este personagem é o dono dos mitos de origem, dos fatos e fenômenos acontecidos e que originaram aquela sociedade ou aquele grupo social; encontram-se também entre estes especialistas os sacerdotes ou as pessoas mais velhas da família, aos quais reserva-se o direito de retransmitir os saberes às novas gerações (Le Goff, 1996:428-429)

Aos alunos mais jovens, A e B, quando perguntados sobre quem lhes havia contado a história de Missão, gesticulam negativamente com a cabeça e dizem coisas como não conheço e ninguém me contou. Provavelmente aquilo que tinham escutado não despertara o seu interesse. Bosi (1994) afirma que são adultos que se têm de preferência à descrição de costumes, de tipos humanos e de instituições sociais que, por sua vez, pouco dizem às experiências infantis. A fala de um dos funcionários sobre como aprendeu a história de Missão do Sahy retrata muito bem este tipo de proposição: oxe, menino num gosta disso,

mais de brincar, não liga pra essas coisa! Esta afirmativa explica-se pelo “desaparecimento”, no cotidiano do povoado, das práticas da conversa e de contar histórias pois, à medida em que a comunidade vai deixando de ser ágrafa e vai assimilando os produtos culturais transmitidos pela escola, pelos meios de comunicação de massa, em especial o rádio e a televisão, vai-se distanciando das falas e narrativas dos mais velhos.

2.2. APRENDI COM OS MAIS VELHOS: O *FINADO CABOCO SABIA DE TUDO!*

Segundo Eizemberg (2000, p.70), foi através do domínio da fala e da observação dos costumes que se fez possível abrir caminho para que os padres conquistassem alguma autoridade perante os nativos; daí foi apenas um passo para uma imposição da cultura do colonizador, numa ação que praticamente extinguiu das narrativas os costumes, as crenças e maneiras de viver das tribos que habitavam essas terras em tempos remotos.

É opinião dos mais velhos da comunidade que as terras eram habitadas pelos índios pataxós e que o município de Senhor do Bonfim tem sua nela sua origem; afirmam também que aí existiam casas de taipa cobertas de palhas, comuns nos dias de hoje. na fala de uma senhora de 94 anos, os caboclos faziam aluá, dançavam o toré e bebiam misturas, faziam panelas de barro, aió de sisal, cesto de cipó e outros artefatos e objetos de palha e barro.

Na visão desses mais velhos, o núcleo indígena desapareceu com a chegada dos novos tempos; torna-se aí muito visível o que preconizava o pensamento indigenista brasileiro do século XIX, quando afirmava que estes povos, por serem muito frágeis,

desapareceriam com a chegada da civilização e que os novos roteiros impostos pela expansão dos territórios conquistados os deslocariam, fazendo-os perder seus costumes por dificuldades de adaptação aos novos locais de habitação, ou desapareceram por extinção física (Monteiro, p.221). Alguns idosos, quando se referem aos avós, dizem que estes foram pegos no mato “a dente-de-cachorro”; como conta uma das entrevistadas, a sua avó, aos 14 anos de idade, fora retirada do mato pelos cachorros e levada para outra cidade e que os caboclos foram buscá-la mas, para tristeza da tribo, não conseguiram trazê-la de volta; constata-se, assim, com que forma violenta os índios podem ter sido incorporados à civilização branca regional, o que certamente aconteceu aos indígenas em todo o país, através das reduções, alistamentos em contendas, e guerras santas.etc.

O gradual desaparecimento natural dos mais velhos tanto pelo falecimento e o fato de irem perdendo historicamente seu papel de propulsores da vida presente do seu grupo não impede acreditar na possibilidade de recompor a história da comunidade mediante o auxílio dos “guardiões da memória”. Através da linguagem, sobretudo das narrativas e descrições, poderão vir a fazer parte do acervo das novas gerações; como bem expresso na fala de uma das senhoras entrevistadas:...tinha outo que se fosse vivo lhe dizia tudo, sabe quem era? O finado Caboco, esse sabia de tudo.Tem uns dois ano que ele morreu, esse sim era um home que sabia de tudo aqui na Missão... os mais veio já se acabaro tudo.

Através deles, pode-se tentar entender melhor os testemunhos mudos (também em desaparecimento) da arquitetura que fizeram ou fazem parte do cotidiano do lugar, a

exemplo da capela do Monte Tabor, que sofreu transformações em sua estrutura original, o cemitério e a antiga igreja central construída pelos franciscanos, que fora demolida dando lugar à construção de uma residência. Alguns depoimentos mostram que a população de mais idade, não se conforma com a demolição deste acervo:

...a igreja aí...essa igreja, ainda foi do tempo dos zizuitas num foi? então, foi do tempo dos jesuítas, uns diz que foi outros diz que foi os índios, num sei...e essa igreja, até quando eu cheguei aqui nessa Missão (...) a igreja era ali, onde hoje é a casa de d. S., atrás o cemitério e a igreja na frente, depois dismancharo e fizeram aqui na frente já diferente da velha, que nem imita...a velha era uma igreja bunita...(...)era muito bunita, fizeram essa istuça, Deus me perdoe! Ave Maria ! (risos).

Pelo mesmo processo de tempo e transformações passou a própria língua antes falada região, a língua dos indígenas que nela viviam e que só não foi totalmente extinta em virtude das anotações feitas por frei Bernardo de Nantes, pelo jesuíta João de Barros (que viveu durante muito tempo na Missão) e por Luis Vicêncio Mamiani, que escreveu a primeira gramática do idioma aí falado. (Freitas e Silva, 1997:20). Lima (2003) faz lembrar, ao público de sua palestra sobre os aspectos socioeconômicos de Missão do Sahy, que algumas palavras ainda resistem à morte total da provável língua-mãe: curé-(porco) ou ainda kixó-(couro de pegar, ou couro de jumento velho) são pequenos termos que permanecem em uso por alguns idosos de Missão que habitam a serra – ou “Grotá”, como é

chamada tradicionalmente. Apesar disso, são palavras desconhecidas da maioria residente na área urbana do povoado.

2.3. A ESCOLA CONTA UM POUCO DA HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY

O conhecimento que a escola pode produzir, nas palavras de Antonio Carlos de Souza Lima (Silva e Grupioni, 1995:407), está impregnado da visão social, política e intelectual da disciplina História e referendado pelos manuais didáticos que, quando se referem às comunidades étnicas, coloca-os sob a ótica das visões de mundo convenientes ao Estado e a seu sistema educacional, particularmente no que diz respeito aos índios, que são visto como indivíduos “desaparecidos” ou em vias de desaparecimento, somente citando de forma superficial alguns grupos e poucas tribos que restaram no país, representando-os como povos ausentes, imutáveis, dotados de essência a-histórica e objeto de preconceito. Como corolário dessa visão, nunca são mencionados além dos primeiros capítulos dos livros didáticos de história.

Ainda se trabalha pedagogicamente a cultura e a história desses grupos tendo como referência datas comemorativas, o que reforça o pensamento oficial. Nas manifestações cívico-escolares, mostra-se um índio romantizado, que “aqui viveu, caçando, pescando e tocando seus instrumentos e falando a língua tupi”, imagem paradisíaca que é apresentada às crianças e que as faz reaparecerem nas ruas fantasiadas com cocares de penas coloridas e

pinturas pelo rosto, empunhando arcos, flechas e tacapes estilizados e soltando gritos vistos nos filmes western norte-americanos, em pretensas simulações de danças-da-chuva.

Para alguns entrevistados, as aulas de História onde a professora – para além dos limites do conteúdo oficial – fala sobre história local, geralmente fundamentadas em umas poucas narrativas dos mais velhos da comunidade, visto que quase não existe historiografia sobre o povoado: “No colégio mesmo, a professora de História citou pra gente um pouco do que ela conseguiu com o pessoal mais velho daqui, que era os cabocos também, pois aqui era conhecida como a terra dos cabocos...”

O que se percebe é que falta à educação oferecida uma integração efetiva com o conjunto de elementos que constituem a cultura local. Em trabalhos realizados preliminarmente em Missão do Sahy, foram registrados, contudo, elementos da cultura local, tais como história do povoado, lendas, manifestações religiosas, cantos de colheita e plantio, danças, os quais poderiam estar sistematicamente estruturados no currículo das atividades escolares do povoado, a fortiori porque encontram respaldo na Lei Orgânica do Município, em seu Art.176, § IV, que diz que a escola deve: “possibilitar liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a cultura, a arte e o desporto”.

3. A INTERAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE DE MISSÃO DO SAHY

É sugerido pelos PCNs, no estudo do tema Pluralidade Cultural, que a escola deva abrir espaço para o estudo da formação do povo brasileiro; em particular chama atenção para a diversidade das culturas dessas comunidades, no sentido da valorização dos grupos, defendendo a inclusão, nos currículos, de conteúdos que informem sobre a riqueza de suas culturas e sua influência sobre a sociedade como um todo, além da criação de pedagogias específicas para escolas que estejam dentro desta problemática. (PCNs, 1997:31)

A tendência de ocultar os problemas vividos pelas diversas etnias que formam as comunidades tem conduzido as escolas a – através de atividades folclóricas, datas comemorativas e outras – reafirmar a teoria da “integração” das raças. Para o Colégio Estadual de Missão do Sahy a situação não é diferente, pois a maioria dos profissionais que atuam neste colégio não é residente no povoado e não tem ligações mais profundas com os seus moradores; as relações entre escola e comunidade somente se estreitam, então, quando são realizados eventos como a Feira de Cultura, oportunidade em que algumas senhoras são convidadas para contar histórias e cantar rodas:

...A gente faz algum evento aqui na escola, a gente procura principalmente o folclore, a gente procura trazer o pessoal daqui, que sabe alguma coisa que ainda tem né? aquelas senhoras que cantam rodas, que sabem a história da Missão...

É também nesse momento em que um pequeno grupo de moradores da chamada Aldeinha expõe os seus trabalhos em cestaria de cipó, podendo obter algum ganho com a venda deles aos professores e outros interessados. Embora, porém, sejam alguns dos artesãos alunos do Colégio, ainda não houve por parte deste uma pesquisa para que se descobrisse a razão de o grupo preferir morar distante do núcleo de Missão do Sahy, fato confirmado por um dos nossos entrevistados: Tem uma coisa que eu acho também rico que é a questão desses trabalhos artesanais, do cipó, como eles utilizam o cipó, se a gente for ver, eles trabalham, eles fazem até cama de cipó, mesa, cadeira, é assim riquíssimo o trabalho deles; eles vieram pra cá, pra mostrar o trabalho pra gente poder comprar...eles não se engajam também não, eles ficam ali como se não quisesse passar pra ninguém...(II)

Quais são os motivos que impedem que se tome como ponto de partida a fala dos vencidos, esse arsenal de saberes e aprendizados da cultura local? São muitas as informações que se perderam ao longo do tempo, e a escola, através de pesquisa, poderia ajudar a recompor esse quadro histórico-cultural, contribuindo para que uma comunidade que teve, no passado, interrompido o seu processo identitário possa reconhecer-se como idêntica a si mesma através do tempo.

4. AS HISTÓRIAS DE VIDA: A MISSÃO NA LEMBRANÇA DOS MAIS VELHOS

4.1. LENDAS E HISTÓRIAS COMPÕEM O UNIVERSO IMAGINÁRIO DAS LEMBRANÇAS DOS VELHOS DO POVOADO DE MISSÃO DO SAHY

Em Missão do Sahy as histórias e as lendas se confundem com a vida, a exemplo da “Lenda da Mulher Chorona”, contada por uma das senhoras entrevistadas. Segundo ela, quando menina, enquanto quebrava ouricuri com sua mãe e irmãos, viu passar a “Mulher Chorona”, a qual, por ter um fogo nas costas, chorava e se maldizia até que o seu tempo se completasse. E tais histórias se modificam ao sabor de quem as conta: uma outra senhora afirma que a Mulher Chorona carregava um filho nos braços. Em suma, na mesma localidade encontramos várias versões ou extensões para a mesma história.

Algumas lendas são vistas por alguns moradores como acontecimentos localizados ali justamente por se tratar de uma aldeia. É o que nos fala uma das senhoras: “... a gente só via esse tipo de coisa aqui na Missão porque naquele tempo aqui na Missão era um aldeia..., não tinha água, não tinha luz., era uma solidão, aquilo, por completo...”; O fato de o ser parece justificar o aparecimento, aí, dos “encantados”, talvez um vestígio da associação catequética dos cultos indígenas ao mundo das manifestações demoníacas.

Relatos como o da Caipora se transformam em outros contos, a depender de quem os contam; o mesmo, porém, não acontece com as lendas da Mãe d’Água, que conservam suas características mais importantes: o aparecimento dessa personagem sempre na mesma

pedra, sempre a pentear os cabelos e a desaparecer na água quando ouve qualquer ruído; afirmam que é uma mulher muito bonita, que tem os cabelos longos e negros e que, durante as trovoadas, fica batendo pedrinhas, anunciando a todos a chegada das chuvas.

Um dos entrevistados lembra-se dos contos do Sumidô [Sumidouro], localizado no Brejo dos Teles. Segundo ele, os antepassados diziam que no local afundaram no solo um vaqueiro, um boi, um cavalo e um cachorro; é voz corrente que ali não se plantava nada, ao passo que, à sua volta, as terras eram dedicadas ao plantio do arroz. Ainda de acordo com o mesmo senhor, encontra-se no mesmo Brejo dos Teles o minadô [minadouro], local onde a água brota do solo, e que nunca seca. Por esses depoimentos percebe-se que Missão, em tempos remotos, era um lugar de grande fertilidade e com um potencial de água potável muito grande, além das possíveis referências a arcias movediças ou fontes.

A presença do ouro nas serras vizinha ao povoado é pressentida na lenda do Carneiro de Ouro, de acordo com a qual, segundo uma das senhoras, a serra tinha uma grande quantidade de minério e que, por isso, “o povo via de noite o carneiro saindo, brilhando...” Também ocorrem variantes de histórias sobre um túnel, que tendem a explicar como local para fuga dos padres, ligação entre o convento e a cachoeira, ligação entre o convento e as minas de ouro do município vizinho de Pindobaçu, local onde estariam enterrados alguns objetos de ouro pertencentes aos jesuítas etc.

A religiosidade também é um campo fértil em lendas: imagens de santos que abrandam enchentes; a fé que permite atravessar o rio cheio e violento; as águas da pedra

da baleia, que recebem os despachos dos terreiros de candomblé do município... Enfim, muitas crenças e devoções que atravessaram talvez séculos, compondo o universo cultural de um povo, mitos fascinantes que vêm sendo alvo de registros e interpretações desde os tempos da conquista, utilizados mesmo pela pedagogia catequética dos padres e que, assim, foram até assimilados às crenças e símbolos da fé dos colonizadores.

4.2. AS NOVENAS, AS SENTINELAS E O "REISADO": RITOS DO CATOLICISMO POPULAR

A religiosidade é o elemento cultural que motiva, fundamentalmente, a comunidade de Missão, e não é por acaso que todos os acontecimentos importantes estão de alguma forma interligados com a igreja de Nossa Senhora das Neves e o Mosteiro do Carmelo.

Para uma das senhoras, os jesuítas, ao chegarem, deram o nome ao monte mais alto de Monte Tabor, construíram um convento, um túnel subterrâneo, um cemitério e uma igreja. A santa padroeira teria vindo do Rio de Janeiro: os índios foram buscá-la a pé e trouxeram-na numa bolsa de sisal, feita por eles, chamada "*aió*"; a santa foi recebida com muita festa e daí passaram a fazer novenas no mês de agosto e comemorar festivamente o dia da padroeira, embora a data em louvor à Santa seja, por coincidência ou não, a da elevação do aldeamento à importante, mas fugaz, categoria de Vila, em 06 de agosto de 1720.

Comenta uma das entrevistadas que, quando construíam a linha de ferro, trabalhava nela um senhor de nome Peixoto, um "gringo" (estrangeiro); católico devoto, levou para

reformatar a imagem de Nossa Senhora das Neves, que tinha cabelos negros e características de caboclo; quando retornou, porém, vinha com cara de gringo e os cabelos vermelhos (ruivos). Ainda sobre a chegada da Santa, a senhora diz que o “jazze” (conjunto instrumental) foi esperar na estação e todos os fiéis fizeram uma bonita festa.

Quando se referem às igrejas, contam que a capela do Monte Tabor e a antiga igreja foram construídas pelos índios; eram feitas de taipa e a capela tinha dois quartos, um para os santos e o outro para a guarda dos ex-votos: “o pessoal botava as promessa — moletas, pernas, braços etc.; jogaro tudo fora, o pessoal d’agora...”, roubaram as imagens de “Nossa Senhora da Sulidade” e outras que ali se encontravam; a igreja da praça “tinha três janelinhas em cima e três portas embaixo, duas torres uma de um lado outra de outro” [no meio mais baixa]; ela era bonita, confirma a senhora B, com ar de tristeza.

É forte ainda a lembrança dos penitentes: ... lá iam, mas eu era menina, num olhava não, eu tinha medo... mãe, ói os piniteque. eu chamava os piniquete... saiam do cemitério e arrudiavo a praça, no escuro só com uma vela acesa....

Vem, vem pecador/

onde é que te escondes (a matraca só.. catraca..
catraca.. catraca...)

meu Senhor te chama e tu não me responde..

(ai, se via muita mulé chorando, por isso ti raro,
pois disse que muita gente ismuricia...)

Assim como tinham participação nos “penitentes”, os mais velhos também rezavam e cantavam os seus mortos. Nas sentinelas, eram entoadas as “incelenças”, prática que, segundo eles, os padres proibiram: “aquelas incelenças eram rezas muito fortes... tem umas que dói no coração...

(canto em dupla:) Pecador magina / Que é de morrer / Chama por Jesus / que é de te valer/
quando a morte vem/ calada sozinha / ela vem dizendo / esta hora é minha (chega me arrupio toda!)

E no final do ano, ao comemorar as festas natalinas, ocorre a Festa de Reis ou Reisado, como é comumente chamada na região:

ó de casa ou de fora / Maria vá vê quem é / Maria
vá vê quem é / são os cantadô de reis / são os
cantadô de reis / quem mandou foi São José...

Contam as mais velhas que, quando se aproximavam esses festejos, todos iam para a Grota colher café e intensificavam a quebra do ouricuri, para que pudessem comprar roupas e sapatos novos a fim de participarem da “Feira Chique” e da Missa do Galo, em Senhor do Bonfim.

Nessas falas encontramos alguns elementos que mostram a situação do índio após o processo de colonização: os que não eram dizimados iam sendo empurrados para o centro

do povoado, enquanto suas terras caíam em mãos do colonizador; assim isolados, passavam a ser trabalhadores nas lavouras dos grandes latifúndios em volta. “.. as casa era no lugar que quisesse fazia, hoje não, se não comprar não faz, hoje tudo tem dono, aqui a gente já não pode mais nem morar aqui, porque não tem aonde more.. .porque os terrenos que tem aqui já tem dono.”

5. DOCUMENTOS: A LITERATURA REGIONAL

5.1. O TUDO O QUE SE SABE TODO MUNDO SABE

Na fala dos professores, “a gente sabe o que todo mundo sabe”, o que faz pensar que muito daquilo que sabemos ou imaginamos saber sobre a Missão do Sahy está fundamentado na parca literatura histórica regional, a exemplo de autores mais antigos (Silva, 1971; Silva, 1906), nas falas e narrativas dos mais velhos, ou ainda por uma literatura imaginativa, a exemplo de Rocha (2002).

Adolfo Silva (1971) – até pouco tempo um dos autores mais utilizados para pesquisas e trabalhos escolares durante o mês em que se comemora o aniversário de emancipação da cidade de Senhor do Bonfim –, fundamentado por Lourenço Silva (1906), reporta-se a Missão do Sahy como um sítio a meio caminho da Terra Prometida e não longe do mar, [com] uma terra fértil e dadivosa [...] pela uberidade do solo, o clima ameno e saudável... favoráveis para erigir-se, nesse lugar, em 1697, o arraial e em 05 de agosto de 1720, a Vila de Missão do Sahy, que passou a ser a primeira vila e sede da comarca da região.(p.20).

É também nesse autor que encontramos indicações de presença de uma tribo indígena cujo aldeamento teria se situado na localidade.

A principio simples aldeamento de índios foi mais tarde, devido à extraordinária uberidade do seu solo, ocupado por moradores outros, tendo lugar a fundação do arraial, que é um dos mais antigos da Bahia, no ano de 1697, ficando incumbidos da sua administração os religiosos de S. Francisco, que ali erigiram um convento sob a invocação de Nossa Senhora das Neves.

Já Lourenço Silva (1906), além das citações de feitos, vultos e meio ambiente de Missão do Sahy, destaca a capela do Monte Tabor:

Merece um logar aqui a capella do Monte Thabor, objecto de grande romaria nos dias da semana santa, maxime na sexta-feira da paixão, quando a cidade e mais logares circunvizinhos afluem grossas correntes de pessoas de ambos os sexos, na maioria simples dilettanti, sem nenhum espirito religioso.

A ascensão ao monte, e cujo ponto culminante está a capella, é penosíssima por ser muito extensa e íngreme a jornada, circunstancia que, em logar de diminuir a fluência de visitantes, muito pelo contrario, faz com que lá compareçam no dia da paixão cerca de duas mil pessoas, muitas das quais esperam receber, em paga d'aquelle sacrificio, algumas dezenas de indulgências. (sic) (p.49).

Como se vê, o matiz católico que permeia a história de Missão do Sahy está muito presente não somente nas falas dos moradores, dos professores, alunos ou dos funcionários e idosos do povoado, mas também na visão dos poucos historiadores:

... é como se fosse assim, o centro é Deus, é o olho que tudo vê... começou na frente da igreja, tinha novena, tinha leilão...

... a igreja aí, essa igreja, ainda é do tempo dos jesuítas, num foi?... e diz que foi os índios., e essa igreja até quando eu cheguei aqui nessa Missão, eu era nova, acho que eu tinha uns nove anos de idade... e a igreja era aí... lá onde é a casa de dona Sinhá, atrás o cemitério e a igreja na frente..,

... aqui era bom, era bom demais aqui.. a gente rezava.., aquele povo tudo da antiga nera? aqui quando morria uma pessoa, fazia assim., chamava sintinela, até de manhã rezando. ..o defunto lá no meio da casa e todo mundo rezando.. .amanhecia o dia... mas os pade acabaro...

Os contos, os cânticos e as lendas se misturam aos acontecimentos do dia-a-dia da comunidade, criando e recriando saberes e preservando os conhecimentos adquiridos através dos avós, como canta a senhora P: *caboco do mato pra que come foia? / Zum, zum, zum, aruanda. / Caboco do mato pra que joga flecha? / Zum, zum, zum aruanda.*

Bem como na fala de uma senhora entrevistada:

No tempo do meu bisavô se dançou o toré... óia eu vô te mostrá uma coisa... um cachimbo que eu achei no cemitério. . . diz que os caboco levavo pa trabaiá fumavo e conde acabava batia a cinza e pindurava no pescoço, e o aluá..na hora...aí minha mãe contava que tem um catuabo, que era até nosso era da família um terreno ali pra cima.. .ai tinha uns lugar que era duro como esse cimento, num nascia um pé de mato, que era deles

dançar...deles dançá o toré; ai disse que a minha bisavó fazia os aribé. . .de barro, minha mãe disse que eles chamavam os aribé era de ariquidá...alí fazia o aluá. com mel e sangue de algum animalzinho que eles matavam.. .depois eles cantavam...

Meu bisavô, tirava tudo quanto era doença das pessoas sem precisar maltratar e nem cobrava dinheiro nada... era aduvinhão.. aduvinhava... índio não cobrava nada.. . até que um dia andou uns cume que chama de Salvador...negoço de macumbero do Reconco (Recôncavo) e tomou todos os encantados do meu avô, disse que ele passou três dias manifestado com o gezerrinho na mão, cum zoio fechado, só pra riba e pra baixo, estrada acima e estrada abaixo... cantando:

ê, ê. ê. ê,ê. Indé / dê qui num dê, qui nun dá ê, ê, ê,
/ ê, ê, indé / dê qui nun venha cá / dê qui nun dê.
qui nun dê / dê qui nun dê, qui nun dá / é, ê ,ê, ê,
ê,indé / dê qui nun venha cá...

Destarte, os temas das histórias acabam convivendo com a realidade nas memórias, nas narrativas e também na literatura, como faz Gustavo Rocha (2002), que retrata a Missão numa teia trançada entre registros ditos verídicos e o mais brejeiro dos toques imaginativos, capaz de ludibriar a imaginação de um dos nossos entrevistados que, ao se referir ao que leu, conta com grande seriedade a historia do Lupanar:

Ó. diz que foi assim: essa mulher portuguesa, morava em Salvador e era professora e veio praqui né?ai ela chegou aqui e fundou um bordel né? no livro não diz bordel, diz outro nome lá.. casa da noite.. da Maricota.. sei lá.. e além dela ser professora de sexo né?.. (risos) era professora

mesmo entendeu?... e hoje eu fico pensando... é já
foi um bordel no pé-da-serra e hoje é um
convento não é?(B)

Dai a imaginação do entrevistado rapidamente engendra outro comentário explicativo quanto à questão da prostituição infanto-juvenil:

Não, e é até interessante, pra você ver como a história se reproduz até hoje, porque a Missão atualmente ela é o ponto de encontro de homens casados com as menina- moças daqui e as mães permitem que elas namorem com homens casados; hoje a prostituição é muito grande, as meninas aqui se prostituem, então é uma explicação também porque aí a cultura vai passando de maneira errada né?

Não se constata nas falas dos professores informações ou maiores esclarecimentos sobre a colonização do povoado; mesmo quando os docentes sabem da existência de novas fontes informativas, a exemplo de Machado (1993), que provoca, com a sua Cartilha Histórica, uma nova postura das escolas e dos professores frente ao processo de povoamento da microrregião:

Compreender Senhor do Bonfim hoje é saber ler a complexidade decorrente de iniciativas que fizeram de nossa terra um local de chegada e de partida em direção a minerais e pedras preciosas; a submissão do indígena, incomodado e vilipendiado pelo homem branco, o ciclo do gado, devorador de amplas dimensões de terras (p.41)

Esse autor sugere uma revisão dos conceitos que explicam o surgimento do Município, sob pena de se continuar sob as brumas do esquecimento e de concretizar-se definitivamente a tese do “desaparecimento” pela assimilação dos povos indígenas da região iniciado por volta do século XVI. É preciso encetar uma revisão da história indígena da região nordestina fazendo coro juntamente com os que acreditam que a história indígena da microrregião de Senhor do Bonfim necessita ser revisitada e recontada, se possível com a participação dos remanescentes e observando-se as suas narrativas

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode constatar através das falas dos entrevistados, principalmente de alunos, ex-alunos e funcionários, é que o processo de assimilação iniciado, por volta do século XVII, com a chegada dos franciscanos ao aldeamento do Saí, tem hoje completado o seu objetivo e coroado de êxito, e de tal forma que até a presença dos padres fundadores foi “esquecida” ou diluída nas vivências do cotidiano da comunidade. A presença jesuítica permeia as falas de jovens, adultos e idosos; entretanto, é interessante notar que mesmo diante dos vestígios deixados no povoado – o cemitério, a igreja (mesmo demolida é parte das lembranças dos velhos), as fotografias, as procissões e peregrinações ao Monte Tabor entre outros ritos do catolicismo popular professados até hoje – a presença dos franciscanos foi “esquecida”, ou foi tão assimilada que se tornou parte quase que inconsciente do meio cultural do povoado de Missão do Sahy e que, por isso, não se apresentando nas falas e narrativas dos entrevistados, exceto na fala de um dos professores que, em meio à dúvida, aponta os franciscanos como fundadores da missão.

É certo que algumas dúvidas pairam sobre a origem do povoado a exemplo da construção da capela de Nossa Senhora da Soledade no ápice do Monte Tabor; da existência de um cemitério no sopé do monte a caminho da dita capela; da insistência e naturalidade dos descendentes em se referirem aos jesuítas como fundadores da missão: “A missão começou com os jesuítas ne?”

Ao mito de origem vêm-se juntar alguns elementos de ordem sócio-econômica, e quando falam a respeito do desenvolvimento local reduzem a análise a frases do tipo “A

Missão é muito é velha, mãe de Bonfim e não é bem zelada!” Outros atribuem outras causas ao subdesenvolvimento do povoado, como a de uma índole “preguiçosa” do índio. Essas opiniões expressam um parco conhecimento acerca da história local, e seria mais razoável crer que sérias barreiras econômicas impediram o crescimento do povoado, entre as quais a distancia entre o povoado e as margens da estrada que transportava o gado vindo das fazendas do Piauí para a feira de Capoame (atual Dias d’Ávila); e a ocupação das terras por parte dos grandes latifúndios que empurraram os descendentes para o centro do povoado, transformando estes em trabalhadores assalariados ou em pequenos posseiros que praticam a agricultura e pecuária de subsistência. Tudo isso nos permite supor que a verdadeira história da região ainda não faz parte da visão de mundo dos que nela vivem, e quando se diz que “a gente sabe o que todo mundo sabe”, na verdade não se sabe quase nada, e embora os Parâmetros Curriculares o prescrevam, ainda não vemos ações pedagógicas, por parte do colégio em estudo, na pesquisa da história e cultura de Missão do Sahy.

As entrevistas concluíram, em geral, que o que a comunidade do Colégio Estadual de Missão do Sahy sabe a respeito da história do povoado são fragmentos, fruto de narrações dos avós, dos pais e de outros membros mais velhos do povoado; e sabemos, contudo, que a morte natural dos idosos e a falta de preservação do acervo histórico e arqueológico justificariam o “esquecimento” e, conseqüentemente, a desvalorização dos vestígios da história do povoado. Diante disso, a escola poderia desempenhar um papel

relevante, utilizando formas de recuperação da memória coletiva da comunidade: colhendo histórias de vida, identificando e registrando o acervo, identificando os guardiões da memória local, promovendo palestras informativas e pesquisando o acervo literário da região.

Através dos depoimentos dos entrevistados, percebemos que a presença do Colégio Estadual de Missão do Sahy nas atividades do povoado é muito tímida, somente aparecendo em alguns momentos que antecedem as comemorações do aniversário de emancipação política do município – embora ainda de forma precária, como insinua um dos entrevistados: “de vez em quando fala um pouquinho e no aniversário de Bonfim...”

Os momentos interativos entre a escola e a comunidade e entre a escola e a história do povoado, somente acontecem de forma folclórica, como vemos nessa fala: “...para comunidade ir até a escola só na época de festa junina né? Que vai ter alguma tradição daqui que é a quadrilha, né? Mesmo assim, sem definição de quais são as manifestações folclóricas locais. As relações entre a escola e a comunidade ainda não se estabeleceram de forma mais concreta, mais proveitosa, pois supondo que a cultura local venha a ser utilizada como caminho para a construção ou reconstrução das origens da história local, ainda temos o seguinte pensamento a respeito disso: “...e sempre a gente faz algum evento aqui na escola, a gente procura principalmente o folclore, a gente procura trazer o pessoal daqui, que sabe alguma coisa que ainda tem né?”. Vê-se que ainda há uma fuga à

sistematização do conhecimento e uma tendência à folclorização estereotipada dos elementos culturais.

Os fatores culturais locais capazes de dar consistência ao discurso da inscrição dos conteúdos escolares no contexto da vida dos alunos não são retrabalhados a ponto de inserir-se dinamicamente na vida da comunidade, o que se comprova através da fala de um dos entrevistados com referência ao trabalho de cestaria em cipó, que é realizado por um grupo de moradores da chamada Aldeinha: “a gente só uma vez... porque eles são da noite, do noturno, só pra eles virem pra cá mostrar o trabalho pra gente comprar...”; e mesmo que o entrevistado reconheça anteriormente o valor cultural “...e tem uma coisa que eu acho também rico que é a questão desses trabalhos artesanais do cipó...”, esses elementos ainda não foram reconhecidos como recursos pedagógicos capazes de contribuir para a aquisição de uma identidade coletiva.

Acreditamos que a situação pode ser modificada mediante o incentivo à pesquisa historiográfica e arqueológica, valorizando o recurso ao registro dos testemunhos orais, sobretudo dos mais idosos (os guardiões da memória, nas palavras de Le Goff). Contudo, os resultados dessa pesquisa dificilmente se tornarão parte da memória coletiva sem o concurso da educação escolar, por ser esta uma sólida ponte entre conhecimento, memória e comunidade.

Não poderíamos encerrar sem referir-mo-nos a um outro elemento étnico-cultural que tem compartilhado com o índio do destino imposto pela civilização branca no Brasil

em geral e na região em particular. Com efeito, é muito forte a incidência de negros na região que ora tomamos como objeto, o que se deve, entre outros fatores, à sua introdução nas lavouras, nas fazendas de gado e no trabalho com a extração de ouro nas serras da Jacobina; já que a mão de obra indígena se constituía num grande problema para os colonos da região. Ao processo de formação de aldeamentos e à conseqüente assimilação sofrida pelas comunidades indígenas locais veio juntar-se os problemas social e étnico dos negros, que, foragidos ou alforriados, vieram também constituir esses novos espaços.

Gitano (2001), em seu artigo sobre a negra cor da cultura afro-bonfinense, cita algumas falas de personagens quilombolas de Tijuaçu, distrito do município de Senhor do Bonfim, comenta:

“Dizem que os Cariris viviam no mato, eram muito bravos e se alimentavam de caça. A senhora Maria Bernardini de (76anos) relata que seu avô José Pedro da Silva casou-se com uma cabocla (índia), chamada Benta Maria de Jesus [vinda de Feira de Santana] para a região. Dizem que já eram “índios mansos” que passavam pelo local para visitar os índios de Missão do Sahy e os que viviam em Juazeiro” (p.121)

A ligação estabelecida entre Tijuaçu (comunidade quilombola), Feira de Santana (feira de gado), Missão do Sahy (aldeamento) e Juazeiro (rota do gado), através de miscigenações, nos leva a crer que existiram relações mais estreitas entre membros destas comunidades; no entanto, o que se percebe é que nenhuma das falas dos entrevistados faz referência à presença negra em Missão do Sahy, o que somente é comprovado através de

fragmentos de palavras nas canções a exemplo da palavra Aruanda, uma alusão a Luanda (África), numa evocação ao caboclo do mato, um conhecido personagem da mitologia afro-brasileira difundido como um dos “encantados” do Candomblé.

Assim, percebemos que a assimilação do negro foi ainda maior que a do índio, especificamente nessa localidade, a ponto de somente aparecerem os registros biológicos (bastante difundidos, aliás), alguns ritos ligados ao candomblé e alguns tipos de alimentos (acarajé, vatapá, caruru etc.), associados a preconceitos religiosos, sociais, políticos e econômicos, que permitiram o apagamento quase por completo do registro da presença negra no cotidiano do povoado.

Finalizando, concluímos que toda a região onde se localizara no passado o território do Sul ou da Jacobina possui uma história ainda desconhecida pelos que a habitam, sejam índios, caboclos, negros e brancos; sabemos também que a ausência de uma historiografia da região é um dos motivos que fragilizam nosso conhecimento e, ao mesmo tempo, a curiosidade sobre o assunto; sabemos também que a presença da escola enquanto instituição intermediária entre o aluno, a aprendizagem e a construção de novos conhecimentos ainda é muito frágil no sentido de poder contribuir para que a comunidade se reconheça e busque a reconstrução da sua identidade, valorizando o seu passado e ajudando na busca de soluções para os problemas que lhe infligem. Portanto, faz-se necessário desenvolver um plano de atividades nos currículos das escolas do povoado, em especial no Colégio Estadual de Missão do Sahy, que contemple as especificidades locais

não somente como atividades relacionadas com o folclore mas como uma proposta séria de resgate, conhecimento, valorização e construção da identidade desse povo que descende de um passado rico em histórias e lutas pela conquista da cidadania.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCASTRO, Luis Felipe de. *O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.
- ALMEIDA, José Ricardo P de. *Instrução pública no Brasil (1500-1800) História e Legislação*. Trad. Antonio Chizzotti, SP. EDUC, 2000.
- ANDRÉ, Marli Elisa, D.A. de. *Etnometodologia da prática escolar*, Campinas, S.P.: Papirus, 1995
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1990
- BARROS, F. Borges. *À margem da História da Bahia*. Salvador-BA: Imprensa Oficial do Estado, 1934.
- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos* /Eclea Bosi, São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- BRASIL, Justiça Eleitoral, 45ª Zona Eleitoral, Senhor do Bonfim: Bahia, 2003.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*, Brasília: M, 1997.
- BRASIL/ MEC. *Lei das diretrizes e bases da educação*, 20/12/96.
- CARVALHO, Maria Cecília M. de. (org), *Construindo o saber, metodologia científica: fundamentos e técnicas*. Campinas: S. Paulo: Papirus, 1994.
- CARVALHO, Maria Rosário. *A Baía de Todos os Santos no século XVI sob olhar jesuítico*. In: *Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura*. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu. 1998
- COELHO, Maria Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1990.
- COULON, Alain, *Etnometodologia e educação*. Petrópolis, R. de Janeiro: Vozes, 1995
- CUNHA, Manuela Carneiro, (org) *Os índios do Brasil*, SP: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992
- DANTAS, Beatriz G,...[et.al.] *os povos indígenas no Nordeste Brasileiro: um esboço histórico*. In: *A história dos Índios no Brasil*, S.P. Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992
- DAYRELL. Juarez (org.) *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996
- DESLANDES, Suely Ferreira: *A construção do projeto de pesquisa* In: *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Cap. IV
- EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva S.A. 1972
- FILLOUX, Juan C. *A memória*. São Paulo: Difusão Européia do livro. 1996

- FREITAS, Edith Alves de A.; SILVA, José Freitas da. *História da Freguesia Velha de Santo Antonio – Campo Formoso*. 1997
- FREITAS, José. *A Serra Resplandecente*. Campo Formoso: Gráfica JMA, 2001.
- FREITAS, José. *Cronologia da Freguesia Velha de Santo Antonio: quadro resumo apresentado em seminário de Pesquisa, Campo VII-UNEB, Senhor do Bonfim, Bahia, 1998..*
- GOMES, Romeu. *A análise de dados em pesquisa qualitativa*. In: *Pesquisa Social: Teoria método e criatividade*. Petrópolis, RJ. Vozes. 1994. C.IV
- HAGUETTE, Tereza M. *Metodologias qualitativas na sociologia*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997
- HALL. Stuart, *A identidade cultural na pós-modernidade*/ trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira L. Lauro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001
- JARA, Carlos. Texto para o seminário. “*Ação Local e desenvolvimento sustentável*” Fortaleza. Ceará, 3 e 4 de junho de 1996
- KENSK, Vani Moreira. *Educação memória e os desafios da sociedade tecnológica*. (Papirus, no prelo)
- LE GOFF, Jacques, *História e memória*./Trad. Bernardo Leitão...[et. al.]. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.
- LIMA. Laércio, *Os aspectos sócio econômicos de Missão do Sahy*. Palestra realizada no povoado de Missão do Sahy durante a 1ª Jornada Cultural de Missão do Sahy, agosto/2003
- MACEDO, R. Crysallis. *O currículo como trajetória, itinerário, intinerância e errância*. (texto apresentado na 23ª ANPED. Outubro, 2000)
- MACHADO, Paulo B. *Cartilha Histórica Sobre as Origens de Senhor do Bonfim*
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. (org) *Educação na Bahia-Coletânea de textos. Projeto memória da educação na Bahia*. Salvador: Ed. UNEB, 2001
- MORA, José Ferrater, *Dicionário de Filosofia*, Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1982.
- OLIVEIRA, João Pacheco. *Muita terra para pouco índio? uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito*. In: *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*, Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995
- PARAÍSO, Maria Hilda B. *Aldeamentos de Salvador no século XVI: Um primeiro esboço*. Revista da Bahia. s/d.
- PASQUALE, Petrone. *Aldeamentos Paulistas*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995
- PAZ, Maria Gloria da. *Missão do Sahy: educação e cultura*, In: *Educação na Bahia Coletânea de textos*. Salvador: Ed. UNEB, 2001.
- PERRONE-MOISÉS, Beatriz. *Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista no período colonial (século XVI e XVII)*, In: *A história dos Índios no Brasil*, S.P. Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992

- PORTO ALEGRE, Maria Sílvia. *Rompendo o silêncio por uma revisão do "desaparecimento" dos povos indígenas*, Artigo.s/d.
- RIBEIRO, Darcy, *o processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização; etapas da evolução socio-cultural*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
- ROCHA, Gustavo Eduardo T da. *A quarta Pedra*, Salvador: ponto e Virgula Publicações, 2001
- SAMPAIO, José Laranjeira. *A presença indígena na Baía de Todos os Santos e na área do Parque São Bartolomeu*. In: *Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura*. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu. 1998
- SENHOR DO BONFIM/BAHIA, *Lei Orgânica do Município*. Salvador, BA: APA publicações. 1990.
- SILVA, Adolfo, Bonfim, *Terra do bom começo*, Salvador: Mensageiro da Fé.Ltda. 1971.
- SILVA, Aracy Lopes da. GRUPIONI, Luís D.Benzi (orgs), *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*, Brasília: MEC/MAR/UNESCO, 1995.
- SILVA, Ivomar Gitânio da. *A negra cor da cultura afro-bonfinense*, In: *Educação na Bahia Coletânea de textos*. Salvador: Ed. UNEB, 2001
- SILVA, Lourenço Pereira da. *Apreciação Circunstanciada do Município de Senhor do Bonfim*, 1906.
- SILVA, Lourenço Pereira da. *Memória Histórica e Geográfica sobre a Comarca do Bonfim*. Bahia: Lito-Tipografia Reis & Cia., 1915
- SILVA; Daniel Nascimento e. *Principais termos e conceitos epistemológicos utilizados pela teoria organizacional*. Biguaçu: Univali, 1999 (inédito)
- SODRÉ , Muniz, *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- TRIVIÑOS, Augusto. N.S. *Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. SP: Atlas, 1987.
- VILHENA, Luis dos Santos. *Bahia no século XVIII*. Bahia. Ed. Itapuã. 1996. V.1
- WELLING, Arno. Maria José C.de M.W. *Formação do Brasil Colonial*, RJ: Nova Fronteira, 1994

ANEXOS

ANEXO I

**TRANSCRIÇÃO DE FITAS CASSETE CONTENDO AS ENTREVISTAS
REALIZADAS COM ALUNOS, EX-ALUNOS, PROFESSORES E
FUNCIONÁRIOS DO COLÉGIO ESTADUAL DE MISSÃO DO SAHY**

1. ENTREVISTA COM ALUNOS

PESQUISADOR: O QUE VOCÊ SABE SOBRE A HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY?

ALUNO A: Acena com a cabeça negativamente, diz que não conhece a história de Missão.

ALUNO B: também diz que não conhece

ALUNO C: não... não muito, [o que é o não muito?] que a Missão é mais velha que Senhor do Bonfim, ela veio dos indígenas, dos índios, nasceu dos índios.

ALUNO D: um pouco, sei que aqui tinha índios, os ...os...não lembro o nome.

ALUNO E: é... minha vó, ela contava uma história de Missão pra gente, quando era pequeno eu e meus primos né? e ela falava que Missão começou quando é...surgiram os jesuítas né? aqui em Missão, que vinhero conhecer o lugar pra trazer a ...linha de ferro...é a ...catequese pra cá...e então conhecero uma aldeia de índio e nessa aldeia tinha um é... um índio cacique que o nome dele era Sai, né? e...é...e...tinha uma india, o nome da india eu não me lembro o nome e por motivo é...do nome do índio ser Sai, os catecistas botaro o nome de Missão do Sai, e ficou conhecida como Missão do Sai.

PESQUISADOR: COM QUEM APRENDEU?

ALUNO A: (Balança a cabeça negativamente) nunca ouvi ninguém falar disso, ninguém nunca me contou essa história.

ALUNO B: ninguém fala disso [nem seus pais?...]...não, ninguém.

ALUNO C: Meu pai e a escola também contou um pouco..[e as histórias da pedra da baleia, alguém já contou essas histórias?...]...oche! isso num existe não, ninguém nunca viu!

ALUNO D:Minha mãe. [e a escola?] de vez em quando fala um pouquinho e no aniversário de Bonfim, também os professores são tudo de fora...

ALUNO E:Minha vó e no colégio mesmo a professora de História citou pra gente um pouco do que ela conseguiu com o pessoal mais velho daqui que era os cabocos também, né?...que tinha muita gente descendente de cabocos inclusive a minha vó, a mãe dela foi descendente de caboco e foi pegada a dente de cachorro, segundo minha vó contava essa história, ela faleceu e o pessoal é...no documento dela consta que ela tem...tinha...é...98...99 anos mas na verdade ela segundo ela falava, que já tinham tirado o documento dela, quando ela veio tirar o documento dela, ela já tava com 15 a 16 anos de idade, então o pessoal fazendo as contas, pela primeira filha que ela tem, e chegou a dizer que ela tava com mais de...ela veio falecer com mais ou menos 103 a 102 anos [a primeira

filha está viva?J tá viva! É Nininha, ela já deve ter por aí, uns 88 a 90 anos..é uma velha firme, bem firminha...

PESQUISADOR: COMO É QUE A ESCOLA TRABALHA A HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY?

ALUNO A: A escola não fal... e num participa de desfile..

ALUNO B: Num sei...

ALUNO C: A escola conta um pouco...

ALUNO D:A escola faz trabalho no aniversário de Bonfim...

ALUNO E:Olha a ligação que é a escola e a comunidade..é ..por eu estudar a noite fica mais difícil não é?pra comunidade ir até a escola só na época de festa junina né? que vai ter alguma tradição daqui que é a quadrilha, né? tem a dança da roda..é..que mais? Tem também de reis, também que elas representa na escola alguma cultura daqui da gente, um dia desse a gente tava fazendo um trabalho daqui da região e contou um pouco da lenda da pedra da baleia, também né? algumas pessoas passava e ouvia a zoadá do tambor que era a mãe d'água batendo tambor dentro da água...algumas pessoas contavam essa história...

2. ENTREVISTA COM EX-ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL DE MISSÃO DO SAHY

PESQUISADOR: O QUE VOCÊ SABE SOBRE A
HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY?

EX-ALUNO F: A maioria eu conheço através de minha mãe ela contava as histórias

EX-ALUNO G: Sei através do meu avô, seu Caboco, memorizei muita coisa, pois ia sempre lá conversava, tanto que a gente fez um pequeno documentário entrevistando ele e a d. Madalena e tá guardado esse documento.

PESQUISADOR: COM QUEM APRENDEU?

EX-ALUNO F: Com a minha mãe

EX-ALUNO G: Com o meu avô e os mais velhos daqui.

PESQUISADOR: COMO É QUE A ESCOLA TRABALHA A
HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY?

EX-ALUNO F: É antes quando a diretora era a Iara, filha uma professora antiga daqui d. Vanda, ela valorizava muito isso de trabalhar a história, o contexto social do

aluno, ela se engajava muito nessa luta de resgatar, valorizar e sempre ela fazia desfiles que eu tenho até as fotos, se a senhora quiser ver? Com a história daqui, a religiosidade, a história das crenças, das lendas, eu tenho todas as fotos do curupira...[tem algum trabalho escrito?] escrito? eu acho que tem, só que ela deixou muitos documentos quando ela saiu da direção e muitos foi extraviada né? o que tinha pego o pessoal dela assim, que acharo que era uma coisa pessoal dela nè? Trabalhos ligados a ela, muitos foram destruídos, foram jogados fora, tanto é que até os professores antigos eles disseram: oh! Não faça isso, vamos guardar, lembranças dela, ela trabalhou muito por aqui e tal...mas eu não sei se ficou isso né?que ela sempre trabalhava tinha coisas escritas...nessa época, não sei se era bem um projeto, que ela fez assim, e ela mandou redigir tudo direitinho, agora não sei se ela levou, não sei se ficou, ela mora em Paulo Afonso.

EX-ALUNO G: Estudei aqui e depois fui pra Bonfim e agora estou aqui de volta e desempregado

PESQUISADOR: E A ESCOLA ATUAL TRABALHA COM A HISTORIA LOCAL?

EX-ALUNO F: Na minha escola que eu trabalho [municipal], que eu fico no anexo, a gente inclui minha mãe d. Terezinha, no recursos humanos e ela todo ano ela vai, ela conta lenda, até tem criancinha que agora ta no CBAI que elas dizem logo quando passa um tempo eles diz: Pró que dia é que a tia Terezinha vem contar história?a gente ta perto,

ela vem e a gente sempre leva ela e a gente faz a roda de conversa e ela fica no meio, ela conversa, ela conversa com eles, ela conta história, ela canta música, ensina pra eles, eles fazem perguntas pra ela...

EX-ALUNO G: não respondeu.

3. ENTREVISTA COLETIVA REALIZADA COM OS PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL DE MISSÃO DO SAHY

**PESQUISADOR: O QUE VOCÊ SABE SOBRE A
HISTORIA DE MISSÃO DO SAHY?**

PROFESSOR I – Eu sei tudo aquilo que todo mundo sabe, não é? Que a Missão foi onde tudo começou se... não é? Daqui foi onde surgiu Bonfim; tudo, tudo o a gente sabe, que todo mundo sabe. As lendas, aquelas histórias de sempre, o artesanato, quem passou por aqui né? Os franciscanos...que foi jesuítas mas na verdade foi os franciscanos num é isso? esses lances todos assim, a gente sabe não é? E procu...e sempre que a gente faz algum evento aqui na escola, a gente procura principalmente o folclore, a gente procura trazer o pessoal daqui, que sabe alguma coisa que ainda tem né? aquelas senhoras que cantam rodas, que sabem a história da Missão, elas vêm aqui a noite mesmo o ano passado teve uma fita não foi? que foi assim muito bonita, sobre a Missão do Sahy, a história da Missão do sahy.

PROFESSOR H – è e a gente, a gente sabe também a riqueza cultural que tem a Missão e muitas vezes ela não é divulgada e não é aprofundada. Porque aqui é rico no contexto cultural, lógico e do contexto também social que foi como I falou, que foi a partir daqui, que a história de Senhor do Bonfim começou e uma coisa interessante que eu chamo sempre atenção e fico pensando é o seguinte: começou aqui a história da Missão, mas se a gente for comparar, Bonfim é muito mais jovem porque é filho da Missão e a Missão não saiu do povoado que é.

PROFESSOR I – é tem trezentos e tantos anos...trezentos e trinta né?...trezentos...

PROFESSOR H – trezentos e trinta e seis anos...ah! trezentos e seis anos, e Bonfim tem cento e poucos e...é...é...e desenvolveu e a gente, a gente pode ver também que pode se dado isso até pela questão cultural mesmo, a questão do nascimento, questão da história, que começou com os índios, aí a gente vê a raiz da história dos indígenas como é que é um povo mais acomodado, é um povo mais quieto, mais calmo, entendeu? a índole aqui já é assim, então por isso que pode não ter se desenvolvido tanto, aí vai pra uma cida... pra outra cidade, um local como Bonfim, lá teve a participação dos tropeiros, muitos árabes como a gente sabe, já tem uma estrutura diferente de vida, já não tem tanta preguiça ali entranhada como raiz, mais...mais desenvolvimento, então tudo isso pode ser a... e a questão da história, como se analisa a história da Missão.

PROFESSOR I – Porque um desenvolveu e o outro ficou... e eu acho assim: que o povo daqui também é assim muito índio [é...ainda tem] é...e...vive só pra si, você pode ver

assim, cismado, [calado] calado num é? [e se isola] e se bulir com alguém, bole com todo mundo...

PROFESSOR H – E tem uma coisa que eu acho também rico, que é a questão desses trabalhos artesanais, do cipó, como eles utilizam o cipó, se a gente for ver, eles trabalhando, eles fazem até cama de cipó, mesa, cadeira [tudo] é assim riquíssimo o trabalho com o cipó [é bem indígena].

PESQUISADOR: COMO É QUE A ESCOLA VÊ O POVO QUE FAZ ARTESANATO COM CIPÓ? JÁ FEZ ALGUM TRABALHO COM ELES?

PROFESSOR H – A gente só uma vez...porque eles são da noite, do noturno, só pra eles virem pra cá pra mostrar o trabalho, pra gente poder comprar, que eles não se engajam também não, eles ficam ali, é como se não quisessem passar pra ninguém

PROFESSOR I – É e já teve uma feira aqui na escola, uma feira de cultura né? e eles vieram expor, tem filhos deles que estudam conosco...

PESQUISADOR: E A HISTORIA DELES, DAQUELE LOCAL, COMO É QUE NASCEU ALI, AFASTADO DE TODOS?

PROFESSOR H – Não...não, nunca ninguém estudou isso não, a, aí, seria interessante fazer um projeto, fazer isso...é como se não quisesse que ninguém pertencesse ao mundo deles, ou num aprendesse né? Michel Foucault, vai resolver esse problema, da arrumação, porque a estrutura arquitetônica com esse modelo.

PESQUISADOR: VOCÊS JÁ OBSERVARAM A ESTRUTURA DA PRAÇA?

PROFESSOR J – Isso é como índio, porque num era assim antigamente...as aldeias eram construídas...

PROFESSOR H – é como se fosse assim, o centro é Deus, é o olho que tudo vê [e ali ficou em volta as pessoas], outra coisa também são as lendas que eu acho ricas, como a história dos índio mesmo, a história da iara, disso e daquilo, que eles trouxeram pra'qui e continuaram disseminando, porque dizem que aqui a gente tem né?[é] ali que aparecia a sereia [ali aparecia a mulher] o canto da sereia [e a pedra da baleia] pedra das baleia [pedra da baleia onde aparece uma sereia, uma mulher] eles contam uma história ali daquele túnel, que tem uma história interessante, do túnel, que vai sair em Puindobaçu, que eram antigas minas de ouro, que eles fizeram ali para puder sair em outra região, pra fugirem, teve uma briga, quer vê? Procure essa história...eles contam sim, é como se tivesse uma briga e eles passassem pelo túnel...o túnel que sai noutra cidade.

PROFESSOR I – Ela sai no cemitério...entra no cemitério..e sai em determinado lugar, num sei se é lá...ele vai pra baixo do chão, quando tinha briga, alguma coisa, eles se refugiavam por ali, é interessante, agora será que é verdade isso mesmo em gente? [num sei...] ai, ninguém nunca teve esse...[a curiosidade pra poder fazer isso] porque diz que tem, que é tapado assim, dizem, não sei...nunca fui...dizem que sai de lá pra cá...num é assim?sai na cachoeira...

PROFESSOR J – É a arqueologia é que pode descobrir, é...um filho daqui se fizesse arqueologia descobria rapidinho...

PROFESSOR I – É...Missão é muito rica assim em histórias né? dizem que quando tinha o trem num é? Que é ali, pra'li...pra cima, era bem habitado né? e que tinha assim, aquelas casas, daqueles senhores, 'meus senhores de Bonfim', dizem que vinham aqueles senhores do povo rico, pra jogar...pra fazer...sabe né? (risos) [casa de receber mulheres pr'os homens] você já leu aquele livro do Gustavo Rocha? ele fala disso, eu tenho lá em casa o livro...dos bordéis...

PROFESSOR H – Não, e é até interessante pra você vê como a história se reproduz até hoje, porque a Missão atualmente ela é o encontro de homens casados que as meninas-moça daqui e as mulheres , as mães permitem que elas namorem com homens casados, [hoje?] hoje na atualidade a prostituição é muito grande, as meninas aqui todas se prostituem então já é uma explicação também porque a cultura aí vai passando a cultura

errada né? vai passando como ontem tinham esses bordéis riquíssimos que vinham o povo de lá, então aí continua..

PROFESSOR I – Oh, dizem que foi assim, essa mulher portuguesa morava em Salvador e era professora e veio pr'aqui né? e aí ela chegou aqui e fundou esse bordel, diz outro nome lá...casa da noite, casa num sei do que, casa da Maricota, sei lá como era o nome da professora, e além dela ser profissional (risos) de sexo né?...era professora mesmo, entendeu?e disse que era uma riqueza isso aí, riqueza no sentido assim...de gente rica frequentar, tinha recitais, inclusive disse que aquele senhor...era um dos frequentadores boêmios né, da época, então aqueles coronéis, aqueles doutores, aquelas pessoas todas de Bonfim, vinham passar as noites aí, vinham de trem, onde só passavam coisas chiques naquele tempo né? e aí faziam...

PROFESSOR J – O bordel devia ser muito chique com recital! A literatura presente, já pensou?

PROFESSOR I – E aí depois eu fico pensando, sabe, eu fico assim analisando assim quando eu to com o juízo assim um pouco calmo...é repare, foi um bordel no pé de serra porque? e hoje em dia é um convento não é?como as coisas se...quer dizer foi aquela orgia toda e hoje em dia é um convento, eu tava pensando, é no alto ali no alto, tem uma vista muito bonita... e é rico por causa do clima...

PROFESSOR H – E tem outra coisa falando do clima...tem outra coisa, a produção agrícola aqui da Missão que é extremamente rica, antigamente quando [o

marido]...era vivo, era encarnado a gente fazia feira aqui, a gente vinha na sexta-feira, ia pra Grotta, lá tem de tudo e você colhe no pé, manga, tudo, banana, jaca, verdura e é riquíssimo porque também tem o rio né? que passa, que é riquíssimo as frutas e verduras daqui, tem muita fartura...

PROFESSOR I – Eu pensei assim...um dia né? eu digo...uma casa noturna e hoje em dia no p do monte é um convento...

PESQUISADOR: E PORQUE SERÁ QUE AS CARMELITAS VIERAM PRA CÁ?

PROFESSOR H – Limpar as energias minha filha! Aqui é terrível, aqui a energia é muito ruim..

PROFESSOR J – O lugar a procedência, elas são carmelitas é? Eu não conheço não...[e como...dos pés descalços] é mesmo? E como é que faz pra ir lá?

PROFESSOR H – Você vai... elas marcam, tem os dias que você pode ir, mas não sabe se elas vão te atender, porque tem os dias né?nos dias de missa você vai e assiste a missa...e tem que procurar lá no...o que eu achei mais fantástico foi o desencarne dela [se refere a Irmã Letícia] e a forma que enterraram...porque ela pediu pra ser só envolta num lençol branco e nada mais, isso é que é desapego!

PROFESSOR I – Ela parecia uma boneca de louça, era doce demais, aqueles pezinhos branquinhos! Muidinha! Eu passei um bocado de dia que não me saía as feições

daquela freira da minha cabeça, ela tinha um ar diferente, um sorriso, ela morreu com um sorriso...um negócio estranho né?ela era dócil...morreu feliz.

PROFESSOR J – Que coisa boa! Que você ficou com essa pessoa na cabeça! Eu quero conhecer o convento minha gente, eu não sabia que tinha...

PROFESSOR H – E você pode se quiser fazer retiro, elas têm um casa própria (tosse) ao lado pra você passar um dia a casa é...lindo o convento, aí você vem e passa um dia , dois..pronto! você dorme, tem alimentação, ela botam pra você, tudo isso e você passa só em retiro meditando, botando a cabeça em ordem, das loucuras da vida (risos) que a gente fica no dia-a-dia..(risos)

PROFESSOR I – Pronto, ainda tem mais alguma coisa meu bem? Está na hora de pegar o transporte pra casa...(risos)

4. ENTREVISTA COM OS FUNCIONÁRIOS DO COLÉGIO ESTADUAL DE MISSÃO DO SAHY

**PESQUISADOR: O QUE VOCÊ SABE SOBRE A
HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY?**

FUNCIONÁRIO K: Tinha índio nera? Tinha...esqueci o nome daquelas outa que chama...aquelas casa véia de premeiro...como é? [aldeia] era aldeia, isso aí...agora esqueci...(risos)...

FUNCIONÁRIO L: Eu mesmo cheguei aqui em 49, não sou filho daqui, sou de Santa Luz mas hoje me orgulho como um filho de Missão do município de Senhor do Bonfim, aqui formei minha...e...(inaudível) estudei aqui nesse colégio, onde hoje mesmo trabalho, é de 49 pra cá é que eu ainda conheci mesmo a igreja não era essa, era a antiga, de taipa, com três portas na frente e três janelas, essa eu conheci foi e quando ela foi demolida, ainda foi no tempo de Laura Viana que era responsável da comunidade e desse tempo pra cá tive parcela de trabalho e luta também aqui graças a Deus e me orgulho de...ser como filho da Missão. [e a história da missão?] o conhecimento que eu tive que era pelo que aqui existiu os índios Tapaxós, daqui muitos ainda foram pra jacobina, aí mudaram pra jacobina, saíram e essa decadência ficou, a igreja, hoje ainda tem na Missão a frente do cemitério, a parte da frente, que ainda é e teve uma restauração no governo de Antonio Carvalho, daí pra frente é que inda foi restaurado no governo dele e existiu ainda tem velhos que temos mesmo, d.Maria, d. Madalena ali que ainda conheci, conheci muitos, que eu cheguei aqui com seis anos de idade...49...nove anos de idade...é...com nove anos...hoje tenho 62...

PESQUISADOR: COM QUEM APRENDEU?

FUNCIONÁRIO K: Ninguém contava não, porque menino só gosta (tosse) de brincar...não liga pra essas coisas...eu nunca ouvi, quem sabe de tudo aqui, quem sabe falar tudo é aquele véio ali (risos)...

FUNCIONÁRIO L: Dos antepassados como Rosalina Viana, que era a dona da igreja, que tomava conta da igreja...passou também por mim, também dei a minha parcela de trabalho, graças a Deus e apoio onde tem também a construção do Carmelo que ainda (inaudível) o terreno (inaudível) saudosa Irmã Ana Leticia, uma pessoa que ainda hoje deixa saudade demais...demais...ali teve também a minha parcela de arrumar o terreno, fui eu consegui a compra com Bezerra era Joares, onde está hoje construído o Carmelo da Ressurreição

PESQUISADOR: COMO É QUE A ESCOLA TRABALHA A HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY?

FUNCIONÁRIO K: Num sei...

FUNCIONÁRIO L: Faziam...faziam...sempre recreia...umas histórias né? mais que a Missão é uma história...agora ...sempre foi...cuma é?sempre foi desprezada pelos filhos da terra, da própria terra, não tem aquela história como era profundamente...que Bonfim era pra ser aqui...meu pai contava que vinha também os tropeiros da jacobina, passavam aqui e iam pra lagoa...

5. ENTREVISTA COLETIVA COM ALGUNS MEMBROS DA COMUNIDADE DE MISSÃO DO SAHY

**PESQUISADOR: O QUE AS SENHORAS SABEM SOBRE
A HISTÓRIA DE MISSÃO DO SAHY?**

SENHORA O: A igreja aí, essa igreja, ainda foi do tempo dos jesuítas, num foi não? Então, foi do tempo dos jesuítas, uns diz que foi os índios...num sei..e e essa igreja até quando eu cheguei aqui nessa missão, eu era nova, acho que eu tinha nove anos de idade...eu era menina nova ainda e a igreja era aí..lá aonde hoje é a casa de d. Sinhá num era? Aquela casa que tem ali perto da casa de Terezinha; atrás o cemitério e a igreja na frente, depois desmancharo e agora fizeram aqui na frente já diferente da velha, que nem imita, que a velha era uma igreja bonita...

**PESQUISADOR: EXISTE ALGUMA FOTOGRAFIA DESSA
IGREJA?**

SENHORA N: Eu tinha aqui da minha irmã mas eles passam aqui e pedem, um me garantiu que levava e trazia de novo, nunca trouxe, era uma foto bonita que eu tinha.

SENHORA M: Eu vi uma Nossa Senhora das Neves mesmo, um dia passou na televisão, na igreja de Senhor do Bonfim no Salvador, lá nos fundos, passando mas é a daqui direitinho...

SENHORA O: Olhe ela tinha três janelinhas na frente em cima, num era? Três porta embaixo e duas torres, uma de um lado outra do outro, ela era bonita, ainda tinha outra no meio mais baixinha, era bonita a igreja, fizeram essa istuça, Deus me perdoe! Ave Maria! (risos)

SENHORA N: Eu devia de num tê dado essa foto esse...eles passam aqui procurando as coisas, eu trago, pode a senhora tá ciente, nunca trouxe a foto da igreja.

PESQUISADOR: AS SENHORAS SABEM COMO TUDO COMEÇOU? COMO É QUE A MISSÃO COMEÇOU?

SENHORA N: Não, num sei não...

SENHORA M: Ninguém nunca falou pra senhora sobre a história da Missão como começou?

SENHORA N: Não, só os mais véio é que sabe, será que d. Madalena num sabe?

SENHORA O: É bem face, essa madalena é tia da Terezinha, acho que ela sabe de alguma coisa, é da idade da senhora?

SENHORA N: Acho que vem a ser viu? não sei.. não sei.. eu não tenho mais cabeça.. pa...[a senhora foi mocinha junto com ela?] num tenho lembrança, é a cabeça ruim num dá mais pra nada...

SENHORA O: Aqui na Missão eu só lhe digo isso, só pode ser d. Madalena e tinha outro aqui que se fosse vivo lhe dizia tudo, sabe quem era? O finado Caboco, esse sabia de tudo, esse sabia de muita coisa, e aqui na Missão os mais veio já se acabaro tudo...e de mais veio agora só tem d. Madalena e d. Isaura e uma veia ali de cento e tantos também mas essa num é daqui...[d. Isaura toda vida morou aqui?] não, foi pa Saúde, depois São Paulo..[o povo daqui tem uma ligação com a Saúde...] é porque diz que esses zezulta fugiro pra lá, num sei como foi, eles sairo fugido dasqui pa Jacobina, dento de vinte e quato hora elas tivero que sair daqui, dero vinte e quato hora pa eles saire daqui, pois é o povo tem a mania de dizer que eles airo por debaixo do chão...

SENHORA M: Mas isso aí é mentira... diz que tem esse túne que vai daqui até Jacobina...[e esse túnel existe mesmo?] diz o povo que tem, agora se tem eu num sei, diz que os pade tinha que pegar água da cachoeira ia pelo túne...

SENHORA O: Tu num lembra onde foi que o finado Tarciso achou uma mina? Num foi aí nesse túne? num foi aí detras do cemitério que ele cavou... diz que tem aí debaixo do cemiterio, agora se tem, eu não sei, se tinha ainda tem ninguém tapou..(risos)

SENHORA M: o povo diz que aqui nesta serra é uma serra muito rica, diz que tem minério... eu não sei se isso é verdade não viu? (risos) antigamente os mais veio dizia que

viram carneiro de ouro aí nessa serra, o povo via de noite saindo, brilhando dizem...e parece que já veio um engenheiro num sei quem foi...

SENHORA O: Ali abaixo da casa de d.Sinhá...então dizem que ali, veio duas pessoas do Pernambuco atrás dessa boca desse túne, cavarão, cavarão aí e não sei o que...acho que num acharo nada, eu sei dizer uma coisa, o finado Tarciso arrumeou alguma coisa, sabe porque? Ele não tinha nada e depois disso ele melhorou e muito e diz que quem arranca essas coisa não pode mais ficar no lugar, e depois disso ele foi pra São Paulo e voltou, depois comprou casa boa e tudo e foi embora, quem tira essas coisa num pode ficar no lugar e foro tudo embora.

PESQUISADOR: E A ESCOLA, A PRIMEIRA PROFESSORA?

SENIORA N: A cabeça num dá mais pra nada...num foi a professora Lidia não?

SENHORA M: Num sei, vejo falar...

SENHORA N: Mas tem gente aqui que deve saber é que minha cabeça...

SENHORA M: A professora Lidia era aquela que tomava conta do povo? [a senhora estudou?] (risos) eu saí no segundo ano, nois trabalhava na roça, nosso pai nos levava pra roça e ...estudemo até moçona, mas ficamo com vergonha de tá na escola no segundo ano aí não ia mais...

SENHORA N: Eu fui mais não me lembro mais de nada, a minha doença é na cabeça e na vista...já operei de uma e não quero mais operar da outra já tou nessa idade, não quero mais nada...

6. ENTREVISTA INDIVIDUAL COM ALGUNS MEMBROS DA COMUNIDADE DE MISSÃO DO SAHY

**PESQUISADOR: O QUE A SENHORA SABE SOBRE A
HISTÓRIA DA MISSÃO DO SAHY?**

SENHORA P: eu ouvia falar porque minha mãe contava mais meu pai...que meu pai nasceu na Saúde, mas foi quase criado aqui na Missão também e minha mãe também....a minha mãe, era caboca..sabe o que que é caboca? A minha vó mãe da minha mãe, foi caboca pegada na Saúde...botaro os cachorro pa pegar ela no mato ela mocinha com 14 ano, pegaro ela levaro pa saúde, os caboco foro lá pa pegar ela de volta e o pessoal num deixaro e criaro ela...a mãe da minha mãe, minha vó, cboca mesmo do mato do lado da Saúde, depois veio pra cá pa Campo Formoso.

SENHORA Q: Aqui já tinha índio os Tapa...Tapajós...Pataxos...os índios foi quem fizeram a Igreja da Missão, a Igreja da Missão era de taipa, toda de taipa, foi eles que fizeram, diz que uma vez robaro Senhor Morto pra Salvador e eles foro buscar esse Senhor Morto em Salvador e trouxero de volta, a capela do monte, foi eles que fizeram..a que tem hoje não é a mesma...caiu a que eles fizeram tinha..ela tinha o quarto do santo nera cumade? E do

lado tinha outro quarto das promessa , o pessoal botava as promessas moletas, pernas, braço..num tem mais nada, era perna, cabeça era tudo.. e jogaro tudo fora , o pessoal dagora...tinha umas taías..de colocar água pa beber na sexta-feira santa...eu sei que a Missão é muito é velha Mãe de Bonfim e num é bem zelada, como devia ser pela cidade de Bonfim que é grande né? os prefeito entra e sai e num calça essa praça..nun fais nada, a gente tem a maior tristeza de num calçare essa praça daí, a melhor praça...é a mais velha, o caminho do...passava pelo meio, era cheio de capim..o gado se amalhava..botava licuri..nós ia apanhar de manhã cedo...

Aqui não tem mais os penitentes..só se faz a imitação...porque foi proibido nun foi cumade, os padres proibiro, agora em Juazeiro ainda se corta mas aqui num é tanto a proibição não tem quem tenha corage,eu me lembro que eu era menina ia pa igreja com minha mãe na quaresma a gente rezava sete semana, só não direto, só na semana da santa é que a gente vai direto, entrou quarta feira de cinza é quarta e sexta e sábado, aí quando entra a semana é direto, e aí eles lá iam, mas eu era menina, num olhava bem não que eu tinha medo, agarrava na saia da minha mãe chorando..ainda me lembro mãe oi os piniteque, eu chamava era os piniteque..fique aí eles num faz nada não....aí passava no escuro..apagava tudo quanto era de luz ficava só uma vela...acesa...agora os menino hoje eles só imita num sabe ? eles veste aquelas mortalha e faz a procissão.. sai do cemitero e[antes arrodiavo a praça da igreja era bom demais aqui...nós rezava...

SENHORA P: era bom demais aqui, aquele povo tudo da antiga nera? Paulo da Gertrudes, Clidio de Ambrosina, ..Torres..

SENHORA Q: a voz do Clidio era assim:

Vem, vem pecador/

onde é que te esconde?/ [e a matraca só..catraca..catraca..catraca..]

meu senhor te chama/

e tu não me responde..

..[ai só via era muié chorando, por isso que tiraro pois disse que muita gente ismuricia..]

SENHORA P: aqui quando morria um a pessoa, fazia a sentinela chamava sentinela né? até de manhã rezando, o defunto la no meio da casa e todo mundo rezando, aí os pade acabaro também, [porque disse que o povo chorava quando tirava aquelas incelença] aquelas reza penosa, era reza de semana santa..aquelas incelença muito forte

SENHORA Q: pecador magina/

que é de morrer/

chama por Jesus/

que é de ti valer/

quando a morte vem/

calada sozinha/

ela vem dizendo/

esta hora é minha/ [oi me arrupei toda num gost...]

*SENHORA P: aí quando era já de manhã, nera cumade?o povo tirava uma que
dizia assim:*

ele vai embora/

de todo o seu coração/

adeus povo todo/

adeus meus irmão/ [já de manhã..]

.uma incelença da vilgencia pa vitoria/

amanhã muito cedinho /

vosso filho vai embora/

ele vai embora de todo seu coração/

adeus povo todo adeus meus irmão

ANEXO II

OBSERVAÇÕES REALIZADAS DURANTE A JORNADA CULTURAL E OS FESTEJOS RELIGIOSOS

1. OBSERVAÇÕES REALIZADAS DURANTE A 1ª JORNADA CULTURAL DE MISSÃO DO SAHY

Durante a realização das palestras, registramos a presença de alguns alunos do colégio em questão e de pessoas da comunidade, exceto de professores e de algumas senhoras idosas que, por estarem com a idade muito avançada, não mais participam dos eventos, principalmente quando são realizados à noite. Nesses eventos, observou-se que o comportamento inicial do público era de simples contemplação e desconfiança; porém, nas palestras subsequentes já se mostravam participativos, mais interessados, contando histórias e dando informações.

Os temas que mais atraíram o público foram aqueles que se ligavam ao cotidiano – especialmente a apresentação de vídeos em que eles eram protagonistas ou em que aparecia alguém deles conhecido –, além de palestras sobre saúde, trânsito e economia, arqueologia das missões e meio ambiente.

2. OBSERVAÇÕES REALIZADAS DURANTE OS FESTEJOS RELIGIOSOS

É muito visível o fato de os moradores de Missão do Sahy, principalmente os mais antigos, terem na religião o ponto concentrador e organizador de sua visão de mundo. Observou-se, durante os festejos da Santa padroeira do lugar, uma intensa movimentação por parte de todos na preparação do templo para receber os fiéis, na arrumação do andor da Santa para a procissão, na escolha dos cânticos e na decoração das lanternas para a

colocação de velas. A autoridade do padre é muito respeitada, e são muito rígidos em relação aos horários estabelecidos pela igreja – não por ser um comportamento normal deles, mas por exigência do celebrante dos ritos católicos, durante a Missa, nas procissões, nos procedimentos que antecedem aos sepultamentos (velório, cânticos e orações que compõem os ritos fúnebres) etc.

A igreja é o único local que dispõe de um serviço de alto-falante, e é através deste que a comunidade local se mantém informada sobre avisos importantes, notas de falecimento, notícias a respeito das atividades religiosas, dentre outros.

3. OBSERVAÇÕES REALIZADAS DURANTE AS CAMINHADAS PARA LOCALIZAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Observamos que durante a caminhada aos incipientes sítios arqueológicos os participantes não mostravam nenhum sinal de desconforto ou descontentamento. Em vários lugares a professora parou para chamar a atenção sobre a preservação tanto do meio ambiente quanto dos objetos e ruínas encontrados, e todos, inclusive as crianças, demonstravam bastante interesse sobre as informações transmitidas. Seguindo as orientações da professora, iniciaram o registro de todo material encontrado: objetos, casas antigas, ruínas. No retorno à sala de aula, entregaram-se ao trabalho de registrar tudo em formulários, descrevendo os sítios encontrados, demonstrando um grande interesse pelas

ações que lhes foram requeridas, e fizeram sugestões sobre o conhecimento da história e a preservação do patrimônio histórico e cultural do povoado.

Durante todo o período de atividades não se registrou a presença de professores do Colégio Estadual de Missão do Sahy nas palestras, nas apresentações culturais, nas comemorações religiosas nem nos cursos de Gestão do Meio Ambiente, Arqueologia de Missões e Gestão Social que foram oferecidos aos moradores do povoado.

4. OBSERVAÇÕES DURANTE UM ENTERRO

Durante a palestra, o grupo foi interrompido pelo serviço de alto-falante da igreja, anunciando o falecimento da Senhora Dudu. Os participantes, meio entristecidos, explicaram que se tratava de uma senhora que se encontrava enferma há vários anos e que agora, finalmente, “descansava”; falaram ainda que durante a noite se reuniriam aos parentes para realizarem a “sentinela” (velório), onde cantariam músicas religiosas e fariam dezenas de orações (terço, rosário etc.). Segundo os mais antigos, as sentinelas eram outrora muito mais concorridas, com a entoação das “incelenças”, ritual antigo proibido pelos padres por causarem muita comoção aos participantes do ritual.

Às 9 horas da manhã, saiu o cortejo fúnebre, percorrendo as ruas do povoado até a igreja matriz (centro da grande praça central). Várias pessoas o acompanhavam, homens, mulheres, crianças, idosos e adolescentes, carregando nas mãos ramos de flores, entoando

cânticos até o momento da “encomenda de corpo” na igreja local; nesse ato são lidos trechos bíblicos, os parentes se despedem e seguem em direção ao cemitério.

Ao tomarmos conhecimento do falecimento, acompanhamos os coveiros para observarmos a escavação; soubemos anteriormente que vários objetos têm sido encontrados em outras escavações. Ocorre, porém, que o cemitério não mais possui espaço para novos enterramentos e túmulos antigos estão sendo violados.

ANEXO III
HISTÓRIAS DE VIDA

1.HISTÓRIA DE VIDA I

...A gamelinha de mandacari, de mulungu né? e a bacia da gente naquele tempo era só a gamela mesmo, quem tinha bacia era gente rica, então fazia os aribé de barro, esse mesmo barro dos cachimbinho, ali elas fazia o que te falei, o paperinho das crianças, os pratinhos delas comêin, asa panelas, frigideira tudo rea de barro, e fazia os aribé bem grande, minha mãe diz que eles chamavam aribé era ariguidá. [ariguidá?] Oh menina! Diz que as cabocas veia, oh menina traz aí o ariguidá ! já se sabia era o ribé, ali diz que fazia esse aluá era com mel e sangue de algum animalzinho assim que eles matavam, criação, só não boi, criação, galinha aí disse que fazia aquele negoço, botava mel, mixia, mixia aí cantava...xô vê se ainda me lembro do cantinho que minha vó, eu era menina, quebrando licuri, ela também...quebrando licuri e cantando, uma vez eu cantei e aí foi até uma revista...veio de salvador essa revista, que levaro pra lá e um dia o Z.V. disse : cumade, eu vi umas palavras da senhora na revista, oi tem até a cantiguinha que a senhora canta dos cabocos...

Eu disse meu Deus do céu por que eu fiz isso! pois foi...o padre..o padre C. aquele cumpridão...Dona T. a senhora tá famosa! Eu vi em salvador no jornal...(risis)...aí a cantiguinha minha vó quebrando licuri e cantando, era o pai dela, meu bisavô que era caboco, tirava tudo quanto era doença das pessoas sem precisar maltratar e nem cobrava dinheiro, mas disse que era aduvinhão, aduvinhava, disse que um dia, -depois eu canto- deixe eu contar a história, disse que um dia ele tava em casa, que ele marava li na ponta da

rua [apontando para o início da rua] saiu fora, disse que ele tava lá e ficou assim....depois disse: oh mulé, com a mulé dele..oh M. minha bisavó, chamava M e meu bisavô M.X., oh M., o que é home? Venha aqui endereitar, alimpar aqui essa sala, ajeitar tudo que hoje vai vim aqui uma visita, hoje vai ter uma visita e num vem vim boa, tá braba, aí a mulé disse: tu já tá cum tuas coisa, lhe digo, aí isso foi cedo né?, quando foi alí uma base de quato pá cinco horas, quando oiara, a estrada nesse tempo era aqui pelo meio da rua, vinha de Bonfim, tinha que passar por aqui, vinha da Itinga, Campo Formoso tinha que passar aí [apontando com o lábio inferior para o meio da rua].

Quando oiou, lá vem aquela carroça de burro, num tem essas carroça de burro com aquelas armadia do burro puxando, pois bem assim, aí disse que atras era uma gaiola de madeira e ela dento a mulé, e a mãe na frente mais o marido, o marido tangendo o animal, vinham de Jacobina pra cá no lombo desse animal, a procura desse meu bisavô, aí chegou e disse que ele tava na janela né, disse que ele se dirigiu pra lá e falou: boa tarde! [era de tarde] boa tarde! O senhor sabe me informar aqui onde é a casa de seu M.X. ele deu uma risadinha e disse: tá cumversando com ele, porque ? o que é? É porque eu trago aqui uma pessoa..ele disse: não,...não precisa dizer não, eu já sei. Agora vá abrir a gaiola pa mandar ela descer!

Não, seu M, tem que procurar uns home pa ajudar a tirar ela, porque ela tá braba, pa botar aí foi nun sei quantos home, aí ele disse: apois ela vai descer sozinha, aí ele disse: não, nun desce não...aí ele abriu a portierinha da gaiola, pegou no braço dela e disse :

desça! Disse que ela assim espantada olhando po povo, aí disse que desceu e já tava uma esteira lá no pé do altar, botaro p'ela sentar ela sentou, aí quando foi de noite fizeram logo um chá dero a ela e ela queta, já foi uma alegria po marido né, e a mãe dela que acompanhou, aí de noite, ele botou ela em tratamento, em trabaio, oche! minha fia disse que dormiu a noite toda, que não dormia, quando foi dez horas da manhã foi que ela acordou, disse que a mãe já tava preocupada, quando acordou disse que chamou: mãe! E a mãe, oi minha fia, o que é? Mãe cadê meu chinelo? A mãe tá aqui, cadê meu xale?...tá aqui minha fia...que a mãe tinha trazido tudo ela botou o xale na cabeça e saiu pra fora e ficou olhando assim po mundo eu ainda me lembro da casa, a casa ainda hoje tá viva é do C. de M. hoje, que era sobrinho desse veinho- aí C. também já morreu quem mora é a famia, a muié e os fios, aí tinha um pé de mangueira, aí ela ficou debaixo do pé de manga e perguntou: oh mamãe onde é que eu tô? Onde é que nós tamos? E a mãe disse nós tamo na Missão, mamãe cadê meus fios? Ela disse: tão lá em casa, disse que já foi um alegria pa essa famia (tosse) que ela tava doida né?passou três dia aqui, aí ela ficou boa, boa, quando foi embora, disse que o marido dela disse assim: seu M. quanto eu lhe devo? Ele disse nada! O que o senhor me deve é ir cuidar de sua mulé e de seus fios, ele disse. não, não pode ser assim, o senhor vai mais eu , eu não tenho com que lhe pagar, aí fizeram assim : o marido foi com o animal, a mulé a mãe e o veinho foram de trem..oia ainda do tempo da linha de trem..aí quando chegou lá, dero tanta coisa a esse veinho, minha mãe dizia oi minha fia, meu avô chegou cum tanta coisa minha fia, requeijão, farinha boa, beiju

de tapioca daquele seco, tapioca seca, mais disse que de tudo que esse povo daquele tempo, só vivia de roça, nesse tempo chuvia bastante, todo mundo tinha suas coisas né? Hoje não minha rimã que hoje tá tudo ó...na misquinheza porque num chove, vontade a gente tem, você num vê esses roçado do M. aí? Tivero todo trabaio de roçar, tão lá coitados, o que já prantaro já se acabou tudo..aí ainda trouxe de tudo ainda deu dinheiro, que eu num sei ainda o dinheiro daquele tempo que eu ainda que eu conheci tostão, dois tões, dois mireis essas coisas ainda eu conheci,...aí disse que andou uns cumo é que chama do salvador, cumo é que chama..minha mãe dizia ói minha fia chegou uns..uns..negoço de macumberos de Salvador..de Feira de Santana..Reconco..do [Recôncavo] sim aí disse que chegou esses do Reconco e aí tomaro todos os encantados do meu bisavô...disse que ela passou três dia manifestado com um guezerrinho na mão, e os oio fechando só pa riba e pra baixo, estrada arriba e estrada abaixo só...e,ê,ê,ê,ê, indê, dê qui num dê qui num dá...só sacudindo aquele guezerrinho e os oinho fechado até quando morreu, diz que foi eles que tomaram os encantados dele.

Que minha mãe ela era viúva e naquele tempo num tinha aposentadoria, ela criou nois nas roça do povo ganhando dinheiro né?rapando mandioca tudo né' aí ela dizia assim: ah meu deus se meu avô viesse me dá os encantado dele pa eu trabalhar p'eu ganhar os meus tostão e tia L. dizia: a irmã dela que ainda hoje é viva: Ih, eu tô é bem de querer diabo de caboco! (risos) era só pa nois sorrir, eu que num quero diabo de caboco, quem tiver seus caboco que fique lá cum ele..era só pa gente sorrir...[e a musiquinha que a

senhora disse do toré?] era essa que ele cantava, aí a minha vó cantava, minha vó disse que era assim:

Ê, ê, ê, ê,ê, indé

Dê qui num dê,qui nun dá

Ê, ê, ê, ê, ê, indé

Dê qui nun venha cá -aí nois tudo:

Dê qui nun dê,qui nun dê

Dê qui nun dê, qui nun dá

Ê, ê, ê, ê,ê, indé

Dê qui nun venha cá...

Aí é disse essas palavrinhas e num é que botaro lá num jornal em Salvador, aí o Z.V. chegou: ó cumade onde ta aqui a cantiguinha que a senhora cantou...(..) de vez em quando vem esse povo, assim de longe que eu não sei quem é que diz, que eu sei de nada de caboco...de caboca..(risos) [D.T. porque que muita gente não gosta de falar do toré?] num sei porque o toré ele era uma coisa assim, mesmo só de caboco desses caboco mesmo, de oreia furada, de flecha, de dessas coisa, caboco mesmo, hoje no globo reporter vai passar índio, tu presta tenção, vai passar eles defendendo a floresta, que vai passar um bando de bicho umas coisa linda...então era daquela parte, e hoje é candomblé, candomblé já é outra parte, eu entendo, eu que penso num sei se é mais eu acho que é mesmo.

Candomblé já é assim negócio de mandar fazer porquera pos outo, os índio num era assim, meu bisavô mesmo num mandava fazer despacho, feitiço essas coisa pos outo, não eles só tratavo assim com reza, binzia as pessoa né? binzia aquelas pessoa, repare que os índio quando uma mulher pa ganhar nenem elas num vão po médico, as parteira mesmo é as índia, as caboca, quando uma bicha-do-chão pega um eu canço de... [o que é bicha-do-chão?] cobra, elas vão e curam cum aquelas erva, tá veno, e hoje em dia é candomblé, esse negócio de piji, já é outa coisa, abaixa coisa ruim.

2.HISTÓRIA DE VIDA II

... eu quando vi a história da mulher chorona, minha mãe, nós morava naquela casa ali nera? Ai minha mãe nós tava quebrando licuri, a gente quebrava licuri até uma hora da madrugada, aqui não tinha luz, era tudo no candeeirinho assim, ai minha mãe quebrando licuri e nós tirando né? aí quando foi nessa noite minha fia, lá vem aquela mulé chorona...ô meu Deus, qu'ê q'eu fiz meu Deus? q'ê q'eu fiz meu Deus, p'eu tá sofrendo desse jeito, ai mãe disse: cala a boca, fiquem calada..ai nós comecemo a ficar com medo né? aí ela disse. Não fique com medo não, fique aí todo mundo caladinho dexe ela passar, aí nós ficamo, mas menina eu tremia..de medo..ai mãe, é assim mesmo, aí ela passou bem na frente da nossa casa...meu Deus, q'ê q'eu fiz meu Deus, oia, chega me arrupeiio toda...ai morava um pessoal aqui que tava fazendo a estrada né?e eles ficar hospedado numa casa que tinha ali na esquina, um bando de rapaz e senhoras né? aí quando foi um dia um disse assim: se eu vê essa mulher chorando eu vou me levantar e vou ver o que

é...ai quando foi uma noite diz que ele levantou os outros brigando com ele né? fulano deixa num vai pra lá não que tu vai fazer lá? Disse: eu vou vê o que significa isso, era um crioulo, você se lembra dele, tocava violão fazia seresta...ai ele levantou, quando ele abriu a porta ela ia passando, e ele começou a ficar com medo, quando ele olhou diz que nas costas dela tava aquele fogo nas costas...ela ainda perguntou assim...ele contava pra nós que perguntou: o que é que a senhora quer? Ai ela disse assim: ainda não chegou meu tempo, ai ele se assombrou e correu pra dentro de casa. Ela desapareceu, era uma sentença que ela tinha, ai ela não apareceu mais é porque completou né cumade? O tempo dela..

[E não tem mais esse tipo de coisa aqui não?] tem não graças a Deus, a gente só via essas coisas aqui na Missão, a gente só via essas coisa aqui na Missão, porque naquele tempo aqui na Missão, era uma aldeia nera? aqui era pa bem dizer era uma aldeia nera cumade? porque não tinha luz, num tinha água, era aquele... aquela solidão...aquilo completo. Silencio! (e era também uma inocência) e ninguém tinha maldade, (nois brincava, eu ela...nois brincava de treze catoze anos) ninguém tinha maldade (mais os minino, rapaizinho) os rapizinho brincava mais nois (de melancia, de casamento oculto, e ninhum vinha assim com uma palavra de osadia pra nois) como hoje né?(ninguem tinha interesse, hoje você vê uma criança destamainho...) tudo desse tamanho já é tudo namorano, e de premero num tinha...

[D. a senhora ouvia falar da história da missão? Como foi que nasceu a Missão?]
eu via falar porque minha mãe contava mais meu pai, né? Que meu pai era...meu pai

nasceu na Saúde, mais foi quase criado aqui na Missão também, e minha mãe também, a minha mãe era... era caboca, caboca sabe o que é caboca? a mãe da minha mã... a minha vó, a minha vó mãe da minha mãe, foi caboca pegada na Saúde, de...botaro os cachorro, pa pegar ela no mato ela mocinha de catoze ano, e pagaro ela...ai lavaro pá Saúde, os caboco foro lá pa pega ela de volta e o pessoal num dexaro, e criaro ela, a mãe da minha mãe! A minha vó, caboca mesmo do mato, do lado da Saúde...depois veio pra cá, pa Campo Formoso, [como é que nasceu isso aqui, se realmente era uma aldeia, se foram índios que vieram da Saúde pra cá...ou aqui já tinha?] aqui já tinha nera cumade?(é aqui dis que tinha os Tapajós...) Tapajós...(Patachós)..Tapaxós...eles foi quem fizeram a igreja da Missão, a igreja da Missão era de taipa, nera cumade? Toda de taipa...a igreja da Missão que foi eles que fizeram, ai disse que uma vez robaro esse Senhor Morto pra Salvador e eles foro buscar Senhor Morto em Salvador e trouxero de volta pa Missão.

A capela do Monte foi eles que fizeram também, [ais essa que tem aí hoje não é a antiga ?] não caiu, essa já é outa que eles fizeram...da velha ainda tem o alicerce...a que elas fizeram, tinha assim o querto do santo nera cumade?e do lado tinha o outo quarto (das promessas) das promessas, que o pessoal botava as promessas, (moleta, perna, braço...num tem mais nada) num tem mais nada, (era perna de madeira) era perna, era braço, cabeça era tudo, e jogaro tudo fora o pessoal d'agora, jogaro tudo fora que num temm mais nada lá...(tinha umas taia...umas taia desse tamanho, de colocar água pa se beber sexta feira santa) jogaro fora tudo, [ou então levaram...] quem sabe ne cumade?(e as image mais

velha, Santa Sulidade, a Mãe da Sulidade ela cum as lagimas descendo) não mais as que tinha lá, foi as que robaro, rodaro os do Monte robaro, era tudo santo antigo né? Robaro...ninguem nunca soube quem roubou, (tinha Senhora Santana e N.Senhora das Dores) botaro na Radia Caraíba, na tudo...pa procurar o ladrão...nunca acharo...(ninguem sabe...robaro pa vender que era tudo santo antigo, era valioso, era coisa histórica)era duas santa...(eu sei que a Missão é muito é velha, Mãe de Bonfim e num é bem zelada como devia ser pela cidade de Bonfim, que é grande né? Os prefeito entra e sai e num calça essa praça) num fais nada...(nois tem a maior tristeza de num calçare essa praça daí) a praça de igreja...(a milhó praça, a mais velha né Dalva?...o caminho passava pelo meio) pelo meio...(era cheio de capim, o gado se amalhava botava licuri e nois ia apanhar de menhã cedo o gado de seu Priciano) era...(durmia ai na malhada) na malhada...(quando era cedinho nois ia levantava cedo pa pegar licuri) a estrada o caminho era aqui no meio da rua, num tem aquele beco ali em baixo? ali era o caminho, pasava tudo por aqui, a boiada quando vinha era tudo por dento da rua, passava aqui...quando ia pa Jacobina, num tinha aquela estrada né?aqui onde eu moro aqui era pasto, aqui era capim, ali na esquina era cerca, aí o povo diz assim a Missão num vai pa frente, aí eu digo assim, num vai pra frente pa quem não conheceu a Missão, a Missão hoje é uma cidade, a vista o que ela era hoje é uma cidade, eu canso de dizer po povo.

Pois é eu sei que quem contava muito era os mais veio..Sinha Usulina era a mais veia , Tiofa, Usulina, Clara, Ana Vitória, Ana Vitoria era uma caboca mesmo, daquela

caboca bunita, morreu tudo cum seus oitenta, oitenta e tantos, morreu uma agora madinha Irena, cum noventa e tantos no documento mais os filhos diz que ela já tinha cento e poucos...

A gente já viu aqui tanta coisa, meu Deus quando era jove, a gente saía daqui da Missão ia caçar licuri, que a gente vivia aqui era do licuri, a gente aqui quebrava licuri segunda, era sexta, domingo, segunda nera cumade? Quando era no sábado botava aquele saquinho na cabeça, nera cumade? E ia po Bonfim a pé, num passava um carro, num tinha um carro aí ia todo mundo a pé pa Bonfim, chegava lá vendia o licuri no depósito do finado João Alixandre, aquele dinheirinho a gente ia na feira comprava um quilo disso, um quilo daquilo, uns pedacinho disso, daquilo, botava o saquinho na cabeça e voltava pa trais.

No natal comprava roupa nova, sandalia nova ,trabalhava o meis todo, o ano todo catando café na grotá, pa se vestir no natal, quando era noite saía tudo daqui as nove horas da noite pa assisti a missa do galo, quando terminava a missa voltava tudo pa trais, ninguem era cum namorado, quando nois chegava aqui na missão amanhecia o dia cantando roda, ninguem dormia e quem tava dormindo acordava e nois amanhecia omdia cantando:

Oi a barra do dia /

O sereno imbalção/

E oi a barra do má /

O sereno ímbalaçô/

Balanciou, balanciá...

Aí depois pegava a latra e ia po rio buscá água...

ANEXO IV

TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DE DOCUMENTOS ANTIGOS

**1. CARTA PARA O CAPITÃO-MOR
ANTONIO DE ALMEIDA VELHO, SOBRE OS
ARMAZENS, BENEFÍCIOS DAS TERRAS,
SUA CONDUÇÃO, TRABALHOS DO
SALITRE, E MAIS QUE A ELE
PERTENCE.(FREITAS,2001)**

Vejo a conta que Vossa Mercê me dá em carta de 13 de outubro do ano passado, do estado em que se acham as minas do salitre do rio Paquy e de João Martins; e para que se continue no seu lavor, me parece dizer a Vossa Mercê que, mande logo ajuntar rodos os negros da fábrica, na oficina de Nossa Senhora da Encarnação do rio Paquy, na forma em que antes estavam e deixe na mina de João Martins, só aqueles que nela assistiam e para se ir continuando fazer salitre, nesta mina mandará Vossa mercê meter os índios que forem necessários, para trabalharem com os ditos negros,e todos mais enviará para Paquy e com toda brevidade fará levantar a casa da oficina, e pô-la capaz de se lavrar nela salitre. Assim que chegar o ajudante Luiz Antunes, mande Vossa Mercê ajuntar os índios do Paquy e das mais aldeias, e buscar os que forem necessários para conduzirem as terras para a fábrica do Paquy, que Vossa Mercê ordenará se derrubem as barreiras que estão pelo rio salitre acima, até os Poços, e encarregará ao dito ajudante, mande derrubar todas as que forem picantes, e mostrarem salitre, para se trazerem para a mesma fábrica; e que faça algumas palhoças ao pé das barreiras, donde se tirarem as terras, para se recolherem nelas enquanto se não conduz por não se destruirem com o sol ou com a chuva as quais terras se irão beneficiando e pondo em monte, para botar a fábrica a moer no lavor do salitre...

**2.CARTA AOS PADRES DA ALDEIA
DOS PAYAYAS E ALDEIA DO SAHY SOBRE
DAREM ÍNDIOS PARA O TRABALHO NO
SALITRE.(FREITAS,2001:))**

Tenho noticias que Vossa Paternidade nas ocasiões que se lhe pedem os índios da sua Missão, que são necessários, para o trabalho do salitre, os nega, e que os está dando ao mesmo tempo, a várias pessoas particulares, para o seu serviço; e como o de Sua Magestade, que Deus guarde, prefere a qualquer outro, não é justo que este se não faça, e se atraze por cauza de não ter índios com que se trabalhe naquelas oficinas, sendo os da Missão de Vossa paternidade dedicados para esse feito e não para outro fim; nestes termos me parece encarregar a Vossa Paternidade que todas as vezes que o Administrador Antonio de Almeida Velho, ou o ajudante Luiz Antunes, mandar pedir a Vossa Paternidade índios para o trabalharem na fábrica de salitre, lhos remete Vossa Paternidade prontamente os que houverem mister, e fio no zelo de Vossa Paternidade que não terá a menor repugnancia neste particular; por ser em prejuizo do serviço de Vossa magestade, para o qual está Vossa Paternidade também obrigado a concorrer de sua parte, como vassalo que é do dito senhor; Deus guarde a Vossa Paternidade. Ba. E Março 12 de 1706. Luiz Cesar de Meneses.

**3.CERTIDÃO PASSADA PELO
SUPERIOR DA MISSÃO DE NOSSA
SENHORA DAS NEVES DO SAHY
(FREITAS,2001)**

Frei Felipe Benício das Angústias, religioso da Ordem de São Francisco, da Província de Santo Antonio do Brasil, Missionário Superior da Missão de Nossa Senhora

das Neves. Certifico que no Arrayal da Matriz de Santo Antonio da Jacobina neste Arcebispado da Bahia tem mais de secenta casas de telha fora as de palha e distão do dito Arrayal a Villa de Jacobina vinte e duas legoas e de outras partes mais remotas da dita Freguezia trinta e quatro legoas por caminhos muito ásperos por cachoeiras e pedras e tem rios caudalosos que impedem passagem. Item certifico que em todo Districto da dita Freguezia há homens capazes de servir a República como também que para os moradores das duas Freguezias de São José de Cento Sé e de Santo Antonio do Pabu a vir a dita Villa e a suas dependencias indispensavelmente passam pelo dito arrayal, ou por junto delle. Passa o referido da verdade e o juro-In verbo Sacerdotis e por ser pedida passei esta de minha lettra e signal..Missão de Nossa Senhora das Neves do Sahy, 30 de abril de 1770 anos. (A) Frey Felippe Benício das Angústias.

4. ATA DE CRIAÇÃO DA VILA DE JACOBINA NO ARRAIAL DA MISSÃO DE NOSSA SENHORA DAS NEVES DO SAHY (FREITAS, 2001)

Aos vinte e quatro do mes de julho de 1722 anos, neste sítio do Sahy, Missão de Nossa Senhora das Neves e Frequesia Velha de Santo Antonio da Jacobina, nas casas de Missão onde de presente está pousado o Coronel Pedro Barbosa Leal, fidalgo da casa de sua Majestade, Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, a cujo cargo está a incumbência das minas da Jacobina por delegação e comissão que tem o Exmo. Sr. Vasco Fernandes César de Menezes, Vice Rei e capitão General de mar e terra do Estado Brasil, aí por ele dito

Coronel Pedro Barbosa Leal foram mandados convocar a vir à sua presença os moradores deste dito sítio e seus arredores que nele habitavam e tem suas fazendas, e alguns mineiros e estando junto aos demais deles pessoas das mais nobres e ricas e demais autorizadas, que são todos que no fim deste termo se acham assinados lhes propôs o dito coronel e fez presente em presença de mim escrivão em como, Sua Magestade, que Deus guarde, fora servido ordenar, como com efeito ordenara, por carta firmada pela sua real mão, de 5 de agosto de 1720, ao Exmo Sr. D. Vasco Fernandes César de Menezes, Vice-Rei e Capitão General de mar e terra deste estado do Brasil que pelo distrito e sertão de Jacobina mandasse estabelecer Vila com o seu magistrado, para que assim os moradores e mineiros que no dito distrito e sertão de Jacobina viviam, vivessem com maiores obrigações de vassallos, como também de católicos, por ser informado de que a uma e outra cousa faltavam, por viverem muitos deles em lugares remotos, falta de administração dos sacramentos como também da administração da justiça, daí a razão de viverem absolutos e destemidos, cometendo grandes obstinações e delitos, para cujo fim era ele dito Coronel enviado pelo dito Sr. Vice-Rei o Capitão General de terra e mar deste estado do Brasil a formar esta Vila para com este meio se ficarem evitando todos os sobreditos inconvenientes como também os que os moradores dele e seus arredores e circunvizinhos padeciam em seus pleitos e demandas indo a contender primeiro na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da cachocira, com notável moléstia e descômodo seu, risco de suas vidas e pessoas e logo pelo dito Coronel foi deles sabido e inconformado qual era o lugar mais conveniente e

proporcionado para se eligir e erigir a dita Vila na forma da delegação e comissão que tinha do Exmo Sr.Capitão General deste estado e expressa ordem de sua Magestade. E vistas e ponderadas por ele todas as regiões neste termo alegado, concordaram e viram que neste mesmo sítio se fizesse, erigisse e assentasse a vila que se vinha edificar, pois era em utilidade do bem publico, e assim eles como fieis vassallos de sua Magestade, que Deus guarde, aceitavam de muito boa vontade esta sua determinação e outrossim concordaram com o dito coronel Pedro barbosa leal se erigisse a dita Vila no lugar e terreno que está entre a Missão de Nossa Senhora das Neves do Sahy e o boqueirão das serras por onde vai caminho para o sítio das Caraíbas e para o lugar onde existe a Igreja de Santo Antonio, matriz da dita jacobina principiando de uma baixa que está abaixo da casaria da aldeia da dita Missão para a parte do sueste até o alto que vai para o dito boqueirão, das serras, por ser o terrapleno mais enxuto e lavado dos ares e ficar em meio das principais águas que tem o dito sítio e lugar, como comodidade para os moradores da dita Vila e mais pessoas que a ela vierem commerciar e tratar de outros negócios e de seus pleitos, pudessem largar os seus cavalos a pastar e poderem ter suas criações, ter a pedra necessária e perto para ser conduzidas às obras que daqui em diante se haviam de edificar, o qu em outra e qualquer parte seria mais penoso e com mais duplicados gastos e despesas, assim destes como dos mais materiais necessários para as ditas obras, como também por ser este sítio mais aberto e livre de serras, com boas servidões para carros e outras quaisquer carruagens para condução de mantimentos e víveres para o povo da dita Vila, com vizinhança da estrada real por onde

descem as boiadas e o comércio da Capitania do Piauí e Rio São Francisco e por outras muitas circunstancias ponderadas e consideradas pelo dito Coronel as quasi já havia exposto ao Exmo Sr.Vice-Rei e Capitão General deste Estado e de como assim determinou, concordaram e convieram os moradores ditos, mandou o dito Coronel aqui neste livro fazer este termo, para a todo tempo do sobredito constar, em o qual ele, com todos os que à dita consulta e determinação assistiram, assinou junto comigo escrivão, que todo o referido dou minha fé. E eu João Alves de Lima, escrivão das diligencias de Jacobina, que o fiz e escrevi.

(aa) João Alves de Lima, Pedro Barbosa Leal, Miguel Felix Brandão, Domingos Pereira Machado, Perdo Martins Brandão, Francisco da Costa Nogueira, André Rodrigues Soares, Matias Frenades de Carvalho, Belchior Barbosa Lobo, Francisco Prudente Cardoso, Antonio Pinheiro da Rocha, Francisco de Brito Vieira, Antonio Fernandes, Bento da Silva de Oliveira, Felizardo Ribeiro, Manoel Pinto de Araújo, Tomás Vieira, João Gonçalves de Souza, Domingos Rodrigues de Miranda, Paulo Nunes de Aguiar, Inácio Faleiro Velho, Euzébio de Souza Diniz, Hilário Viegas, Domingos Mendonça, Joaquim de Brito Carvalho, Miguel Correia de Aragão, Antonio Marques Nogueira e Antonio Duarte se Siqueira.